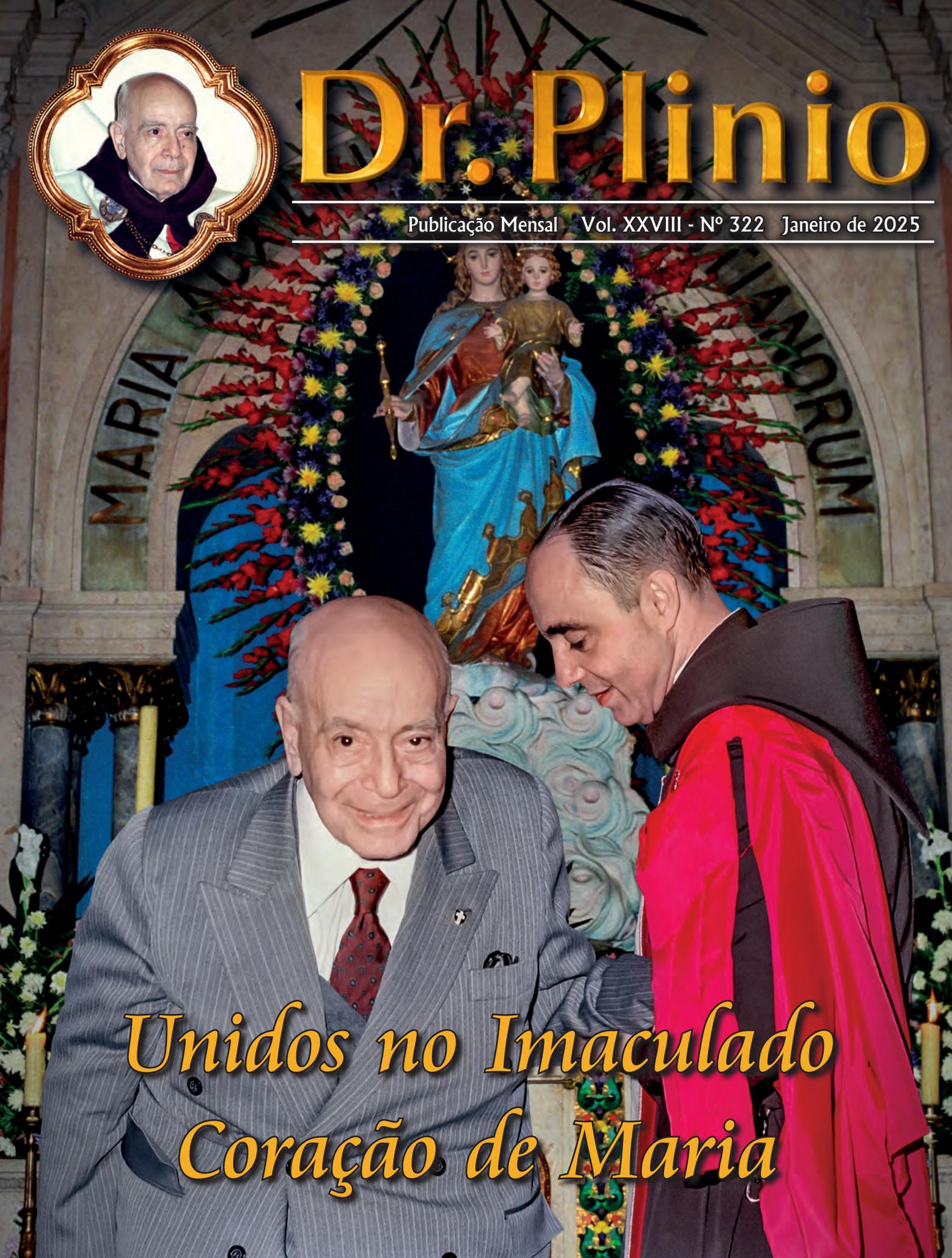




Dr. Plínio

Publicação Mensal Vol. XXVIII - Nº 322 Janeiro de 2025



*Unidos no Imaculado
Coração de Maria*

Dr. Plínio em adoração ao Santíssimo Sacramento antes da recepção de hábitos no Éremo de São Bento, em 19/11/1989

“Desejei esta Ordem de Cavalaria”

Senhor meu Eucarístico, Vós bem vistes o que se passou em mim enquanto eu visitava este prédio que é vosso; o transbordamento de minha alegria, de minha afinidade de alma com tudo quanto aqui via e uma espécie de surpresa, de pasmo e de maravilha, como quem pensa: “Mas, Senhor, então é verdade que aquilo que esperei se realiza e que aquilo que pedi veio parar nas minhas mãos? É verdade mesmo que aquilo que desejei Vós acabastes, pelos rogos de vossa Mãe, de me dar tão inteiramente?”

Desejei esta Ordem de Cavalaria, desejei-a como ela é, com a gravidade, a seriedade, a solenidade, a força, a capacidade de reflexão, a decisão, o desejo de combate e a efetividade do combate que aqui noto. E aqui saúdo o primeiro degrau de uma longa e alta escadaria que deve conduzir aos mais altos patamares da vitória. Assim, Senhor, eu admirava e considerava todas as coisas que Vós púnheis neste prédio e que, sem serem combinadas comigo, sem eu ser consultado, eram tão exatamente como eu desejava.

Vós sabeis, Senhor, quanto desejo ver o vosso Reino brilhar na Terra, ver Maria, vossa Mãe, reinando neste mundo. E, considerando aqui esta realização na qual Maria Santíssima de tal maneira é Rainha e, por isso mesmo, sois tão superabundantemente Rei, quero ver nisto o grão impossível de obter que, afinal, foi obtido, plantado e começa a germinar.

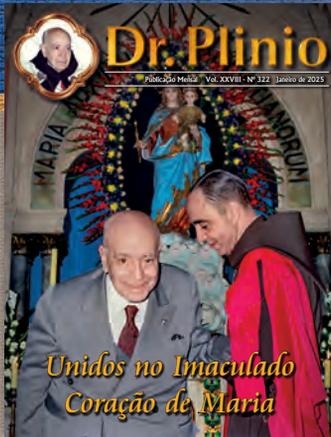
Tomai estas sementes e espalhai-as, para que a face da Terra seja tal que olheis para ela e digais: “Realmente, é como no dia da Criação, Eu Me comprazo nela porque é semelhante a Mim”.

Pelos lábios de Maria, eu Vos digo, Senhor: “Emitte Spiritum tuum et creabuntur, et renovabis faciem terræ”.

(Extraído de oração composta em 21/3/1980)

Sumário

Vol. XXVIII - Nº 322 Janeiro de 2025



Na capa,
Dr. Plinio com
Sr. João Clá, em
dezembro de 1990.

Foto: Arquivo Revista

As matérias extraídas
de exposições verbais de Dr. Plinio
— designadas por “conferências” —
são adaptadas para a linguagem
escrita, sem revisão do autor

Dr. Plinio

Revista mensal de cultura católica, de
propriedade da *Editora Retornarei Ltda.*

ISSN - 2595-1599

CNPJ - 02.389.379/0001-07

INSC. - 115.227.674.110

Diretor:

Roberto Kasuo Takayanagi

Conselho Consultivo:

Jorge Eduardo G. Koury

Roberto Kasuo Takayanagi

Vicente Nunes

Redação e Administração:

Rua Virgílio Rodrigues, 66 - Tremembé
02372-020 São Paulo - SP

E-mail: editorareturnarei@gmail.com

Impressão e acabamento:

Pigma Gráfica e Editora Ltda.

Av. Henry Ford, 2320

São Paulo - SP, CEP: 03109-001

Preços da assinatura anual

Comum..... R\$ 300,00

Colaborador..... R\$ 400,00

Benfeitor..... R\$ 500,00

Grande benfeitor..... R\$ 800,00

Exemplar avulso..... R\$ 25,00

Serviço de Atendimento ao Assinante

editorareturnarei@gmail.com

<https://www.editorareturnarei.com.br>

2 SEGUNDA PÁGINA “Desejei esta Ordem de Cavalaria”



4 EDITORIAL Amizade mais de Anjos que de homens

5 MONS. JOÃO SCOGNAMIGLIO CLÁ DIAS V - Os éremos: profético anúncio de um caudal de graças



17 VI - Varão providencial



24 VII - Legado de Dona Lucilia



31 VIII - Um homem combatido



37 Conclusão



40 ÚLTIMA PÁGINA Tudo será pago no Céu



Amizade mais de Anjos que de homens

“**E**ntão, meu filho, hoje nos encontramos no melhor lugar que possa haver: no Imaculado Coração de Maria”.

Estas foram as palavras dirigidas por Dr. Plínio a seu jovem discípulo, o então Sr. João Scognamiglio Clá Dias, ao saudá-lo após um inesperado encontro na Igreja do Imaculado Coração de Maria.

No número anterior desta Revista pudemos comprovar como a mediação de Maria atuou de modo decisivo no providencial encontro do fundador com seu discípulo (p. 13); depois, vimos este vínculo se consolidar na Sagrada Escravidão à Santíssima Virgem (p. 17-22) e, por fim, dar seus melhores frutos (p. 31-43), sempre sob os auspícios, a serviço e por amor à Mãe de Deus.

Por Maria, com Maria e em Maria transcorreu esse longo e frutuoso convívio, que bem pode ser descrito e explicado nas seguintes considerações de Dr. Plínio:

Ao presenciar o conhecido fenômeno dos espelhos paralelos, observamos como um se reflete no outro indefinidamente, até culminar num cone tão profundo dentro da ilusão de ótica, que temos a impressão de não chegarmos a perceber qual é o fim. A situação se resolve numa espécie de incógnita luminosa final, em que não se responde às seguintes perguntas: qual foi o primeiro e o último espelho a refletir o outro? Qual dos dois deu a primeira ou a última imagem?

Quando duas almas coexistem retamente na presença de Deus, elas possuem um equilíbrio que não é horizontal como os pratos de uma balança, mas perpendicular, porque cada qual encontra seu equilíbrio interno na plena correspondência à graça.

Deus, que faz tudo com ordem, conta, peso e medida, criou-nos de tal maneira que nossa inteligência compreende verdadeiramente as coisas quando ela as penetra de modo a corresponder à apetência reta de nossa alma, e assim conhecer aquilo que fomos especialmente feitos para amar.

Considerem dois amigos que amam Nossa Senhora acima de tudo, abaixo de Deus, e que se estimam porque um vê no outro o reflexo das virtudes d’Ela. Esses são amigos em Maria Santíssima e refletem um para o outro a imagem d’Ela, à maneira de espelhos paralelos.

Entre amigos assim se estabelece um arco voltaico, mais ou menos como uma ogiva chamejante que floresce do gótico *flamboyant*. Assim também, da amizade verdadeira – que não é de homem a homem a não ser na medida em que é dos homens encontrando-se em Deus e no Sapiencial e Imaculado Coração de Maria – nasce um chamejamento mais valioso que o de cada um individualmente, pois, à maneira de um arco voltaico, por ambos os “polos” ligados por esse vínculo passa a mesma corrente; e então refulgem.

Assim se deve entender, em Nossa Senhora e no espírito da Santa Igreja, a verdadeira amizade. É uma amizade mais de Anjos que de homens.*

Na presente edição o leitor poderá contemplar outros tantos fulgores emanados desse convívio sobrenatural entre Dr. Plínio e Mons. João que, por especialíssimo desígnio da Providência, estiveram e sempre estarão, no tempo e na eternidade, unidos no Imaculado Coração de Maria.

* Cf. Conferência de 29/11/1980.

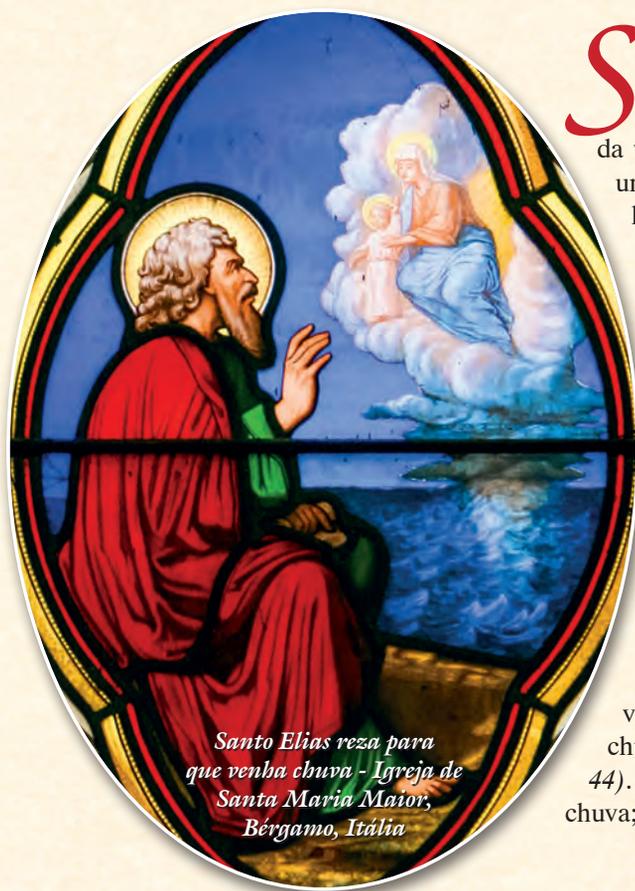


DECLARAÇÃO: *Conformando-nos com os decretos do Sumo Pontífice Urbano VIII, de 13 de março de 1625 e de 5 de junho de 1631, declaramos não querer antecipar o juízo da Santa Igreja no emprego de palavras ou na apreciação dos fatos edificantes publicados nesta revista. Em nossa intenção, os títulos elogiosos não têm outro sentido senão o ordinário, e em tudo nos submetemos, com filial amor, às decisões da Santa Igreja.*

V

OS ÊREMOS: PROFÉTICO ANÚNCIO DE UM CAUDAL DE GRAÇAS

Com a institucionalização do Êremo de São Bento, começou um *élan* que representou um sopro de renovação, atingindo todo o Grupo. Tudo foi se modelando em inteira conformidade com os desejos de Dr. Plínio que, entretanto, nunca havia projetado o que nascia. Ao aludir a esse extraordinário caminho de graças, exclamou a respeito de seu dileto filho, João Clá: “Ó intérprete bom dos meus desígnios e do meu espírito!”



Santo Elias reza para que venha chuva - Igreja de Santa Maria Maior, Bérghamo, Itália

Se é verdade que se podem usar metáforas tiradas das Sagradas Escrituras, eu, da vida do profeta Elias, tiro uma. Nossa história é semelhante à dele: estamos numa seca medonha, numa desolação tremenda, a Terra inteira está gemendo por falta de graças, ou, se não é isso, por falta de correspondência às graças que sobre ela baixam.

Nessa situação terrível, enquanto Elias rezava, uma nuvenzinha se apresentou no horizonte, e ele mandou avisar ao rei: “Tome providências, porque vem uma chuva torrencial” (cf. 1Rs 18, 44). A nuvem era predição de chuva; esta, prenúncio da vitória

do profeta; e a realização da profecia, o presságio da vitória de Deus.

Pois bem, em certo sentido da palavra os êremos formados por meu João são essa nuvenzinha. Eu vivi quantos e quantos anos esperando e procurando quem me acompanhasse para a fundação de nossa Ordem de Cavalaria.¹ Discreta, mas constante e obstinadamente, não deixei um instante de procurar por isso. Todas as minhas buscas deram em fracasso completo. De onde me pareceria, se não fosse uma graça especial, que eu deveria compreender que essa Ordem de Cavalaria era a ordem da quimera, da impossibilidade.

Eu não imaginava ter diante de mim, um dia, o que então parecia impossível: a constituição dos êremos. É verdade, era impossível! Mas na ponta da impossibilidade havia a convicção de que Nossa Senhora queria isso e que, portanto, Ela faria.



Para isso e para conceder as graças magníficas que concedeu, a Providência Se serviu – em união comigo e em minhas mãos –, do meu querido João Clá como instrumento, assim como para uma série de outros impulsos que o Grupo teve, cada um melhor que o outro.

Na aurora da década de 1970, um presente da Providência

O Êremo de São Bento, por misteriosos desígnios da Providência, estava quase desabitado... Dir-se-ia que os ventos da graça tinham voado em direção a Jasna Góra, com uma surpresa para mim: lá se unificaram os êremos, deixando o São Bento vazio como certos moluscos enormes que, por vezes, encontramos na praia, dos quais o caramujo que vivia dentro saiu, a concha ficou isolada, as ondas a levaram. Mas, enquanto isso se dava, Nossa Senhora preparava outros filhos para penetrarem nessa “concha” e fazerem aquilo que eu sonhara quando o São Bento foi fundado.² Que outros? E quando? Não haveria temeridade minha em manter esse



Êremo de São Bento

êremo? O que faziam essas solidões, obstinadamente postas à espera?

E eu pensava de mim para comigo: “Há qualquer coisa de sobrenatural, de extraordinário, que quer ficar aqui, quer morar aqui”. Eu tinha esperança de que o São Bento viveria novas glórias, novos esplendores ali brilhariam e novas marchas dali se iniciariam para a composição do Reino de Maria.

Com seus vastos muros, tão acolhedores, esse lugar dava a impressão de uma velha torre abandonada, carrancuda, dentro da qual fantasmas

arrastavam móveis velhos e quebrados. Mas, quando lá entramos, que impressão diversa, que coisa maravilhosa, que jardim e que céu! Muito melhor do que um jardim ou um céu... Que claustro! Que casa de Deus! Que casa de Nossa Senhora!

Uma graça me acolheu desde o momento em que eu transpus os umbrais desse êremo, uma graça na qual eu repousei o espírito exausto dos humores fétidos da Revolução. Um recolhimento pensativo, mas de um pensar fecundo. Um repouso reparador, de uma reparação que nos colhe



Acima, cerimonial do almoço; à direita, eremitas cantam o Credo no claustro do Êremo de São Bento, no início da década de 1970





À esquerda, hasteamento do estandarte no claustro do Êremo de São Bento, no início da década de 1980. À direita, formação no claustro após uma cerimônia

no fundo da alma e que de fato nos restaura! Tudo isso aqui se reúne.

Esse prédio, tão cheio de harmonias e de mistérios, é uma caixa de surpresa. Se eu soubesse dos insondáveis desígnios da Providência com relação a ele, na aurora da década de 1970, que alegria teria sido para mim! Eu não imaginava que viria um tal remédio, não ousava esperar nem sequer pensar!

Eu considero o São Bento como um presente de Nossa Senhora para mim. E, dentro dele, como uma pedra preciosa no anel, o meu “arquierecita” João. Bem sabemos até que

ponto ele tem sido meu instrumento abençoado para a realização de tudo.

Uma ressurreição atinge todo o Grupo...

Faço uma confidência: eu nunca me sentei junto a uma mesa para comentar ou planejar com o meu João sobre como seriam os Êremos de São Bento e Præsto Sum.³ Se fosse feito um projeto a ser executado, nem de longe teria dado o que deu. Se eu, antes da hora, houvesse querido estudar uma solução, não obteria resultado.

O João – que naquele tempo tinha uma irradiação no Grupo muito menor do que adquiriu depois –, aproveitando o São Bento vazio, quis fundar uma instituição eremítica ali, se eu desse licença. Eu disse: “Está muito bom, funde!”

Eu conhecia o bom espírito do meu então jovem João Clá e toda a união de alma dele comigo. Imaginava a respeito dele feitos inesperados. Por exemplo, se me dissessem que ele subiu à torre da Catedral de São Paulo, lançou para baixo uma bandeira comunista e hasteou o estandarte da TFP, eu ouviria com naturalidade, porque dele eu esperava cem mil coisas mais inesperadas.

Ora, no tempo em que no São Bento I⁴ era vibrante eremita o meu João Clá, eu não dispunha de nenhum dado concreto para imaginar que ele tivesse tão precisa na cabeça toda a série de coisas que posteriormente realizou. Surpreendeu-me! Ele veio a ser, de repente, um organizador, construindo e ordenando tudo de tal maneira que o último pormenor saiu inteiramente de acordo com o que eu queria, sem muitas vezes ele precisar me consultar. E assim deve ser.

É evidente que eu deitei um olhar atentíssimo a tudo. Analisando as coisas saírem da mente, do coração e das mãos do meu João, eu bem per-



Cerimonial do jantar no Refeitório do São Bento



Peregrinação dos eremitas do Êremo de São Bento em Minas Gerais, em 1978

cebia a inteira conformidade de vistas dele comigo. Éramos *cor unum et anima una*, um só coração e uma só alma. Eu prestava contínua atenção e constatava que as coisas corriam por onde eu desejava e desejava por onde elas corriam. E dava graças a Nossa Senhora!

Quando a inteligência e os instintos estão bem ordenados, e as tendências pulsam de acordo com a virtude, as obras maravilhosas vão saindo naturalmente.

Assim, tudo foi se modelando. No São Bento começou um *élan* que representou um sopro de renovação, um começo de ressurreição que atingiu todo o Grupo e pôs de pé aquilo que estava caído. Desse modo, cortando mil soneiras, rachando inúmeros torpores, escangalhando cem rotinas, fendendo várias camadas geológicas de fatores negativos, o João teve possibilidade de reerguer a experiência eremítica que estava reduzida a zero. Foi, até então, a maior e a melhor proeza dele.

E um dia, um dia... das cinzas do São Bento I foi nascendo e crescendo o São Bento II,⁵ e com ele tantas outras coisas magníficas!



...ultrapassando os umbrais do êremo

Fui assistindo ao nascimento e à formação desse êremo, mas com que plenitude, que garbo, que esplendor, que integridade de agrado de minha parte, e com quanta esperança! Quanto tem o São Bento para guardar nessas quatro paredes! Guardar em quatro paredes? Eis mais uma surpresa: quando haveríamos de pensar que o nosso hábito começaria a aparecer em público?

O hábito dá glória a Nossa Senhora e impõe às nuvens que se fendam e venha o dia d'Ela. O hábito é o Reino de Maria em seu esplendor, é não só o desejo de que ele nasça, mas é um como que prenúncio de como ele será. Sabendo bem como interpretar o hábito, po-

de-se medir as pulsações do Reino de Maria. Há no hábito qualquer coisa de completo, de definitivo, que se esboçou por inteiro, que se mostra como é, se afirma e é, ao mesmo tempo, imponderável. Qualquer alteração no hábito seria irremediável.

O único dentre nós a propor uma modificação foi o João, que é “doutor” dos hábitos. Quando ele me sugeriu, eu pensei: “Ó intérprete bom dos meus desígnios e do meu espírito. Está ótimo!” Eu aprovei sem dificuldade, e tudo entrou em funcionamento desde logo.

O valor da vida eremítica

Tenho visto com encanto o Auditório São Miguel cheio de eremitas; e tenho tanta alegria em vê-los reluzir em toda parte, que me lem-

bro de uma reflexão minha na ocasião em que este auditório se fez: “Quando tivermos gente para encher todas as cadeiras vazias, o auditório ficará apresentável. Quando virá? Meu Deus!”

Agora eu encontro o auditório repleto, com uma arquibancada engendrada pelos mil e um jeitos do nosso João, sem falar dos magotes de gente perto da porta, prontos a ocuparem o corredor logo que puderem. Dou-me bem conta de que, dado o modo de ser da geração atual, nada disso seria possível sem a vida eremítica. Se não fosse o hábito, os movimentos, a seriedade, a dignidade e tudo quanto daí se irradia para todos, daria em caos, desordem, atropelo. A vida eremítica, como ela é tocada e se desenvolve, é a espinha dorsal do prolongamento da TFP na geração dos “enjolras”. O João cria um ambiente meio mítico no êremo e sabe apresentar para eles valores que não são os de agora, mas falam num plano meio legendário, meio histórico – é onde se move o João –, e assim consegue entusiasmar as pessoas e mantê-las em estado de luta no terreno da “transesfera” e dos mitos.



O tipo humano que vai nascendo é de primeira ordem. O bom eremita do São Bento tem uma graça pela qual entra nele um equilíbrio. Por exemplo, nunca vi que algum deles propusesse deixar de usar as botas e o hábito em dias quentes. Vejo-os muitas vezes com calor, é natural, mas não noto nenhuma indisposição por estarem revestidos da túnica, o que é uma atitude clamorosamente contrária à dos jovens de hoje! Procurar isso na rua é quimera em ponto de loucura.

Acho também muito bonito o modo pelo qual eles prestam reverên-

cia aos que os visitam e como ficam alegres, de uma alegria evidente, quando estamos lá. As bênçãos de Nossa Senhora residem ali, não há como escapar; é extraordinário!

Entre eles não existe nenhuma espécie de “xodó” de um com outro e nenhuma antipatia. Eles não brigam entre si. É um convívio aberto, como deve ser, muito fraterno, em que o bulício da juventude encontra a expansão própria aos “enjolras”, mas sem nada de imaturidade. É sério, ameno, alegre, e não se nota um pingão de amor-próprio, de vontade de se mostrar; tem toda a consistência, uma coisa absolutamente única!

Trata-se de um conjunto heterogêneo, composto de pessoas das mais diferentes classes, mas que na vida eremítica se encaixam perfeitamente. E é preciso vê-los nas movimentações do dia a dia, porque apenas nas cerimônias não se tem uma ideia completa.

Numa ocasião na qual precisei corrigi-los, não houve o menor ressentimento, nada dessas reações imundas: “Nós nos esforçamos, e Dr. Plínio, em vez de nos elogiar, nos puxa a orelha...” Não, é benfazejo. E assim mil outras coisas.



Santos do Dia no Auditório São Miguel. À esquerda, representações de alguns costumes do povo espanhol, em setembro de 1989. À direita, em 19 de fevereiro de 1988



Acima, cântico da oração ante coenam; à direita, hasteamento do estandarte no Êremo Præsto Sum, no início da década de 1980



“Entrain” para trabalho e para leitura

A obtenção desse estado de espírito nos mais novos nasce, de fato, de uma técnica.

O modo pelo qual o João ensina os “enjolras” a trabalhar é uma coisa fantástica, é um prodígio! Eles escrevem livros, folheiam, estudam, fazem conferências. Estão se formando ali homens válidos e capazes. O João procura de todos os modos fazer com que eles exteriorizem, o máximo possível, as qualidades que tenham e se envergonhem em não as exteriorizar. Às vezes, tomo contato com um ou outro que conheço pouco; vou prestando atenção – é meu *mínus* – e acabo por encontrar neles qualidades extraordinárias que não imaginava; ostentando-as com sinceridade – eles não mentem, mas ostentam – podem às vezes até levar a manifestação a um certo exagero, mas no fundo corresponde ao que está na alma deles.

O que o João tem conseguido desses jovens, para que estudem e adquiram conhecimento é de nos deixar surpresos. Como nasce essa incontestável obra intelectual do São Bento e

do Præsto Sum? O que o João faz? Lê e comenta os textos com muita vivacidade e inteligência, mas ele mesmo não é um grande leitor; ele é, sobretudo, um grande observador da realidade e um aderente fervoroso das nossas doutrinas. Ele transmite isso aos rapazes, que levam a vida eremítica de bom grado, querem estar ali enclausurados e com isso têm tempo disponível para consagrar à leitura, sem a qual o êremo ficaria insuportável. O João os ajuda a terem gosto pela leitura.

Um dos elementos do sucesso da instituição eremítica é um *tonus* de força e dedicação, que uma graça de idealismo baseado na Fé põe dentro do São Bento, para o que esse prédio é incomparável e a influência do João Clá é o que é; sem isso, não seria assim. Eles teriam apostilas com doutrina moral que, por si, não dão ao homem o *élan* próprio a pô-lo em movimento.

Como ele entusiasma, mantém e propulsiona, é uma coisa notável. Notável! Não há como o meu João Clá para *entraîneur*!⁶ Percebo que ele dá aos “enjolras” a possibilidade de sentirem alegria, esperança e

satisfação numa via boa, que não é a do pecado, do crime e da melancolia. Ele consegue fazê-los amar o bem, o que em matéria de *entraînement*⁷ é a grande proeza.

Um modo magnífico de conduzir os jovens

De todas as formas de ação que um homem pode realizar, a mais bela é agir junto às almas, porque são elas o que há de mais precioso no universo. De maneira que tratar com elas, regê-las, dirigi-las, despertar nelas harmonias formosas, levá-las a consonâncias magníficas, é um modo excelente de ser general de Deus, general de Nossa Senhora.

São essas qualidades de general que eu tenho visto no meu João e apreciado sobremaneira. Quando o vejo dirigir a orquestra, fazendo com a batuta aqueles gestos todos – forte e, de repente, piano –, eu me lembro das funções dele para orientar almas e penso: “Aqui estão bem representados os Êremos de São Bento e Præsto Sum: são uma partitura escrita no

Céu. São duas sinfonias permanentes de almas que ele vai regulando, ajustando, sabendo a cada passo fazer o gesto necessário para estes não amolecerem, aqueles se entusiasmarem...”

Deus criou todos os eremitas com a intenção de que suas almas fossem regidas assim, deste modo magnífico. Eles têm noção de estarem sendo guiados, e querem sê-lo, para um fim que almejam junto com o maestro, quão harmonioso e melodioso, o meu caro João. E daí vem essa maravilha que eu apreciei de perto e de dentro, pela qual dou graças a Nossa Senhora.

Há outro aspecto: o João é uma pessoa muito limpa, sempre foi, até excepcionalmente limpa de alma e de corpo. Mas eu não imaginava que ele tivesse a compreensão tão perfeita da necessidade da limpeza material quanto a direção dele no São Bento revela.

Ele incentiva o asseio pessoal, tudo no São Bento é limpíssimo. Chego a fazer a análise da limpeza do êremo e não tenho encontrado um lugarzinho de onde se possa dizer: “Aquilo não está direito, não deveria ser como é”. As alabardas e espadas luzem durante os exercícios e cerimônias de um modo perfeito. Se tivéssemos para dormir à noite uma froha tão limpa quanto aqueles instrumentos, ficaríamos satisfeitos.

É muito interessante o modo de ele ser na arte da correção, como ele se lança por cima de quem ele quer corrigir, de modo inesperado, mas sem nunca brutalizar. É um dom, uma aptidão. Eu às vezes noto que ele deu um apertinho, deixando alguém meio arranha-

do, aparvalhado e receio que o João leve longe demais as repreensões. Observo e observo, mas não me parece. É feito com uma espécie de doçura de fundo e ninguém se zanga. Nunca ouviram dizer que houve uma revolta de um “enjolras” contra o João Clá. Percebendo que um filho meu sangrou um pouquinho, eu dou graças a Nossa Senhora. Como é bom que haja mãos tão boas e peritas para fazer sangrar!

De outro lado, quem trata com o João não percebe tudo quanto está no espírito dele, porque ele comenta pouco – talvez por um fundo de timidez – e porque, por mais que transmita, ele tem um horizonte muitíssimo maior do que o dos eremitas. Isso não é decorrente de uma falta de receptividade deles, muito menos falta de desejo do João de comunicar, porque tenho a certeza de que não entra uma jogada mesquinha de não querer ensinar “o pulo do gato”. O que existe? Acontece que o líquido precioso contido na cabeça

do João não pode derramar-se inteiro na cabeça menor deles. De fato, o porte de alma deles é menor e precisa ser ampliado com o tempo, pois eles não podem ser considerados inteiramente maduros. Por aí se vê como seriam essas duas unidades – São Bento e Præsto Sum – se fossem compostas de “Joãos”.

Um ordo para institucionalizar os costumes

Formado o Êremo de São Bento, ele deveria fazer uma Contra-Revolução tendencial, apresentando um ambiente, um tipo humano e um estilo de ser próprios a uma ruptura completa com o mundo da Revolução. Deveria irradiar isso para o Grupo e, através deste, para o mundo.

Nesse sentido, seria normal Nossa Senhora querer para eles um *ordo*, a fim de que a proteção eremítica os acompanhasse aonde fossem. E quanto eu almejava essa regra! Ora, as coisas devem nascer a seu tempo, o qual



Apresentação em agosto de 1990

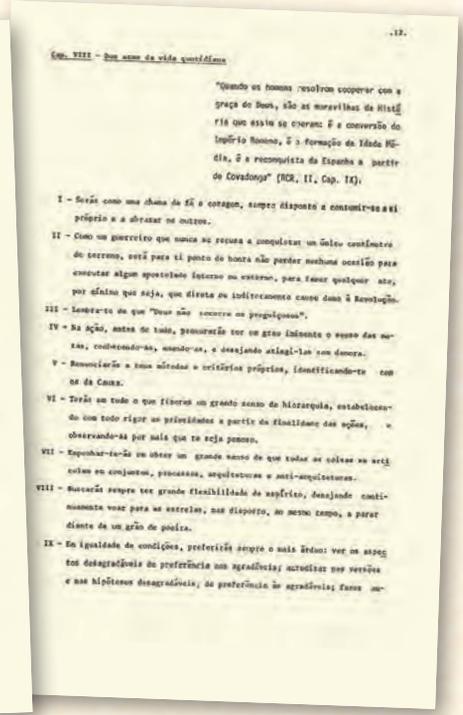
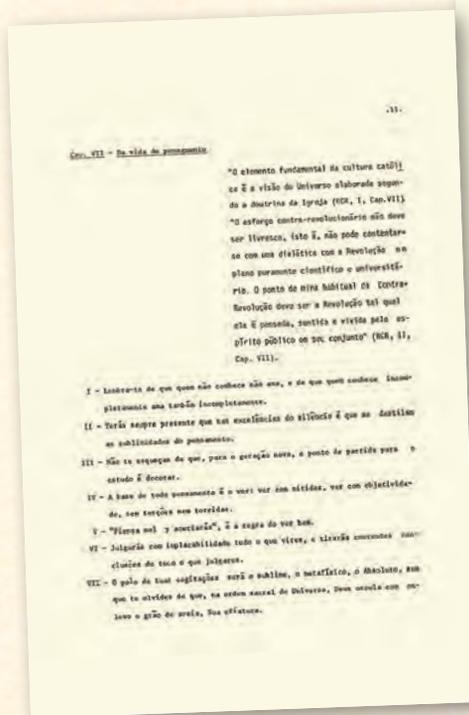


nem sempre é aquele que desejamos, mas é o tempo em que as condições estão prontas para o nascimento. Assim, não mencionei nada nem com o João, e pensei: “Isso nascerá no dia que Nossa Senhora quiser”.

Podem imaginar minha alegria quando o João veio convidar-me para uma reunião, na qual me ofereceriam o *ordo* redigido. O que há muito eu esperava, afinal recebia, o objeto de um velho desejo, de um desejo-oração. Eu rezei para isso! Quando as coisas nascem assim, são claramente fruto da graça, são dons de Nossa Senhora.

Foi se estabelecendo no Êremo de São Bento um *maintien*⁸ que eu tinha curiosidade de ver se iria se dilatar ao Præsto Sum, não favorecido como o São Bento pelas magnificências incontáveis do prédio. E percebi que, graças a Deus, de um comunicava-se muito bem ao outro, e fiquei contente.

O São Bento e o Præsto Sum são êremos geminados, que formam um todo só. Falando de um, falo do outro; falando do mais velho, falo do mais moço; falando da árvore, falo do fruto. O querido Præsto Sum é um local pleno de graças, um desmembramento harmônico do atual São Bento, que desdobra essa chama cheia de luz, de piedade, de vontade



Algumas páginas da primeira redação do *ordo* de costumes do Êremo de São Bento

de combater, que é o espírito característico dado a eles.

Cerimonial: elevação do espírito ao que há de mais alcandorado

Eu tinha no espírito a noção do quanto a Igreja Católica é a rainha

das cerimônias e dos cerimoniais. Nada há de mais belo que o estilo das grandes cerimônias litúrgicas. Mas, pensava eu, se elas são tão bonitas, por que não fazer cerimônias extralitúrgicas? Por que a rotina diária de uma instituição não tem seu cerimonial parecido com a liturgia, seus desfiles, seus cânticos, suas orações, suas proclamações e sua vida? Se a Igreja – a fonte da mais alta qualidade de vida que há, a sobrenatural –, usa a liturgia para comunicar a vida aos seus fiéis, para animá-los,



Aspectos do Êremo Præsto Sum nos seus primórdios

por que a vida civil não há de ter um cerimonial também? Sempre sonhei com “a nossa Ordem de Cavalaria”, com belos cerimoniais.

E muito me alegrei em ver que, através do meu querido João, foram se realizando tão bem essas anseios meus...

O São Bento é o coração do Grupo e, entre aquelas paredes sagradas, começaram a se realizar cerimônias e uma série de outras coisas que o João soube promover excelentemente, com o talento e com as graças especiais que ele tem para isso. É um esforço heroico. Se não fosse ele estar pedalando, não saía! E o que me faz sentir muito confortado é a sensação de que a graça está sendo tratada como deve. Toma-se conhecimento dela pelo *lumen* do prédio e vive-se em função dela.

O nosso João, com aquele entusiasmo dele, realiza as cerimônias como se fosse a primeira vez, sem se cansar, e como se os eremitas fossem sempre “neófitos”. E faz bem! É uma das marcas da inocência, certas coisas serem sempre como foram em sua origem.

Nas cerimônias, cuja beleza aprecio enormemente, está expresso o espírito do Grupo, pela seriedade e compenetração, pela ligação contínua da alma com os panoramas mais grandiosos oferecidos pela Fé, para a consideração da realidade que nos circunda neste mundo repleto de coisas visíveis e, sobretudo, invisíveis: *visibilium omnium et invisibilium* – todas as coisas visíveis e invisíveis.

Noto que o estado de espírito dos eremitas é justamente de fé no significado das cerimônias. O espírito,



Dr. Plínio numa cerimônia na capela do Êremo do Amparo de Nossa Senhora, em julho de 1982

sempre preso ao mais alto e mais alcançado, haveria de produzir exatamente um rito como os que começaram a ser desenvolvidos. Os gestos, as atitudes, os movimentos e o traje exprimem bem exatamente o que o Grupo deve ser.



Cerimônia no pátio do Êremo Præsto Sum

Quando o Apocalipse conta a luta que houve no Céu entre anjos malditos e Anjos benditos, diz: “*Proelium magnum factum est in cælo*” (Ap 12, 7). Eu digo: “*Prælium magnum factum est in terra*”. Uma luta tremenda se faz na Terra!

E por quê? Porque, com o apelo e a direção do meu caro João Clá e a correspondência dos eremitas, os Anjos, através dessa vida de cerimonial, de seriedade e de enlevo, abrem um caminho progressivo pelo qual entram na Terra e executam aquela luta, aquela grande guerra, que não são as escaramuças que os Anjos até agora fizeram contra os demônios, mas é uma batalha para arrasar o mal. Essa batalha nós a queremos mais do que tudo!

Marchas e proclamações, uma invenção “joanífera”

Que alegria ver os cerimoniais magníficos se desenvolverem e, pou-



Santo do Dia no Auditório São Miguel, em fins da década de 1980

co a pouco, penetrarem em nossas reuniões.

Lembro-me da primeira vez que os eremitas entraram no Auditório São Miguel marchando e cantando, de hábito! Nesse dia eu compreendi que Nossa Senhora estendia a mão ao Grupo para retirá-lo de um estado de miséria extrema no qual se encontrava. É colossal!

As marchas começaram a evoluir, sempre executadas de modo muito bonito. A precisão dos movimentos

ficou inteiramente adequada, uma coisa notabilíssima. Por exemplo, enquanto eles põem o braço esquerdo em posição, o braço direito se movimenta de um modo elegante, verdadeiramente belo. A cadência não tem nada de lerdo, mas é tão vagarosa quanto o bom senso permite. Tudo bem pensado, com um senso da sã teatralidade estupendo! São as reações da Providência.

E quando começaram a fazer declamações, eu não pensei que entra-

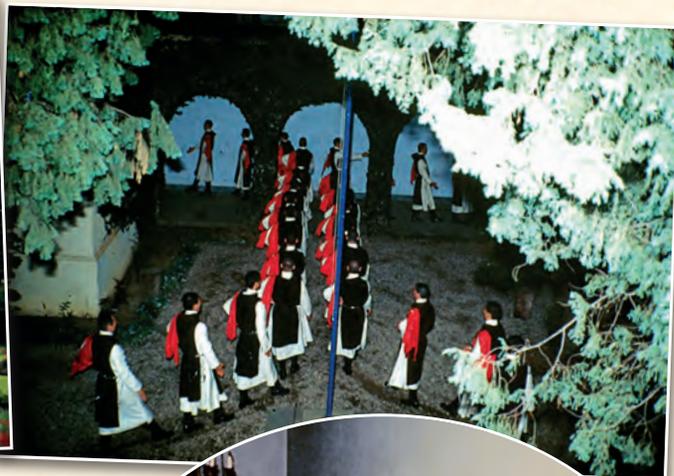
ríamos por essa via. Eu gostei da primeira vez, mas pensei: “Eles declamam duas, três vezes, e isso morre por si; o João e eles inventam outra forma. E como as invenções nas esferas ‘joaníferas’ são incontáveis – ele é o senhor das mil ideias! –, eu não me preocupo nem um pouco como será o *lendemain*º disso”.

Assisti a uma proclamação, a duas, a quatro e concluí: “Não é verdade que isso é bonito? Está muito bem feito, bem arranjado, e tem uma complementação original!” Aludo ao modo, ao calor, à técnica, à pluralidade de vozes. Os proclamadores sobre o estrado com vozes excelentes, revestidos de hábito, o todo constituindo uma cena magnífica. Gostei enormemente.

Procuro assim explicar o gáudio que a declamação me dá. Sincera, profundamente sentida, bela, bem organizada, exprimindo no plano temporal o espírito da Santa Igreja Católica Apostólica Romana. É uma



Aspectos de cerimônias no Êremo do Amparo de Nossa Senhora, no início da década de 1980



escola. E o João tem o dom de fundar escola para tudo, porque tudo isso tem o dedo dele na raiz.

Com o cerimonial dos êremos, o Reino de Maria luziu para o mundo

Ele transmite, antes de tudo, um espírito que, reluzindo na perfeição dos pormenores, dá o esplendor e deixa a todos estupefatos. Dessa maneira nasce esta obra estupenda em seu conjunto! Ela é tão rica, é um tal tesouro para uma organização como a nossa, chamada a atuar no Reino de Maria, que não se pode falar de Revolução e Contra-Revolução sem conhecer isso.

O bonito é que tudo se faz inteira e meticulosamente conforme o meu espírito. Eu posso afirmar que quando entrei para o Movimento Católico, sem ter imaginado nem esses hábitos, nem essa cerimônia, nem esse claustro, o que eu queria era isso! E agora vejo o Grupo apresentar-se inteiramente da maneira como eu gostaria que ele fosse, a tal ponto que, se uma pessoa tivesse aberto minha cabeça com um serrote para descobrir ali dentro como eu pensava, encontraria tudo quanto está agora realizado, sem tirar nem pôr. Entretanto, eu mesmo planejei e propus pouco; de diretamente dado por mim só tem o hábi-

Aspectos do Êremo de São Bento II. No sentido horário, cerimonial no Pátio do Cruzeiro; cerimônia de marcha no claustro; cortejo em direção ao refeitório

to. Não fui eu quem tracei os cerimoniais, nem dei instruções. Apenas acompanhei, com uma atenção disfarçada, porque devemos observar como quem não observa e analisar, e até que ponto, o último pormenor, com um ar distendido e afável, de quem não está passando os outros em exame. Faz parte da amenidade da vida.

Nenhuma das evoluções foi idealizada por mim, o que indica exatamente que quem quis interpretar com fidelidade meus desejos, entendeu com perfeição. De fato, o João não teria a mentalidade e o estado de espírito para compreender tão bem o que eu considero a cerimônia ideal – nas nossas atuais condições –, se não fosse uma união de vontade muito grande comigo. De maneira que eu me considero autor *maior*, ou seja, autor por excelência dessas cerimônias.

Nelas se pratica um verdadeiro exercício espiritual, uma preparação para a hora da “Bagarre”. Dia virá em que os cerimoniais se des-

dobrarão e trarão, eventualmente – em seus ritos e nas suas celebrações –, as marcas da “Bagarre” que se aproxima e os esplendores do Reino de Maria que vem. O mundo inteiro se alegrará em saber que esse cerimonial foi realizado antes mesmo de a “Bagarre” se desencadear e que o Reino de Maria luziu para o mundo antes de ele ser instaurado.

A realidade por fim se mostra

Mais ou menos como as antigas múmias do Egito, o Grupo viveu durante anos – vivo e real, como as múmias não vivem, mas íntegro como elas são – trazendo seu corpo e sua face de tal maneira cercados de tiras que não se podia saber verdadeiramente o que havia por detrás; agora, por fim, ele se desvenda de mais



uma faixa que o circundava. Em qual sentido da palavra? Com as cerimônias realizadas pelos êremos, o Grupo mostra uma parte de sua realidade que os primeiros já entreviam nos momentos iniciais e que, aos poucos, foi se tornando mais clara, mais evidente, mas que encontrava fora e – por que não dizer? – também dentro de casa, em alguma medida, obstáculos para se desvendar por inteiro.

Meu coração transborda de alegria, porque se pode dizer que o Grupo começa verdadeiramente o ato final de seu nascimento. Esse começo me alegra, porque vejo, nas manifestações externas, o Grupo se mostrar como é e, na manifestação interna, os espíritos comecem a chegar àquele último patamar de seriedade, de sacralidade, de lógica, de força, de determinação, de inflexibilidade, de recolhimento, de pie-

dade e de espiritualidade toda posta no Sapiencial e Imaculado Coração de Maria. Eu vejo que isto começa a brilhar e percebo que ainda não é o grosso das graças que descerão no mundo com o “*Grand Retour*”, mas é a nuvem que o anuncia.

Eis a nuvenzinha que assim já não merece ser chamada, pois tem o tamanho que caminha para médio, e deste para o grande. Cada vez mais se avolumam os acontecimentos, de maneira a podermos esperar que no futuro – cujo dia certo nós não sabemos, mas o qual o calendário de nossa alma vai marcando sempre, e que está se tornando cada vez mais próximo – afinal venha aquilo por nós desejado acima de qualquer outra coisa: o “*Grand Retour*”, isto é, o Reino de Maria em nós, antes de ele se realizar no mundo.

Os Êremos de São Bento e Præsto Sum foram uma primeira clarinada que antecipa o “*Grand-Retour*”, e cuja maravilha excede a nossa esperança. O Grupo, como um conjunto, começou a trilhar a via que teria trilhado se houvesse sido fiel e, se Deus quiser, há de continuar sua caminhada até a hora da glória.

Vamos, pois, meus caros, para frente! Nossa Senhora vos abençoará e

eu vos acompanharei, acolitado pelo meu esplêndido João Clá, que de um modo tão excelente dirige todo esse rio da TFP que aqui se manifesta. ♦

- 1) Dr. Plínio, desde o momento em que concebeu a luta contra a Revolução, em menino, passou a esboçar em seu interior o perfil da fundação que almejava: não uma Ordem de contemplativos, à maneira dos beneditinos ou dos cartuxos, mas algo que tivesse as características de uma Ordem de Cavalaria, pela combatividade e ódio ao mal, além de uma acentuada sacralidade, exteriorizada em costumes e cerimônias.
- 2) No ano de 1968.
- 3) Êremo Præsto Sum, situado numa espaçosa chácara no Bairro Santana, em São Paulo.
- 4) Designa-se como São Bento I a primeira tentativa, não correspondida, da fundação da vida eremítica.
- 5) São Bento II foi a restauração da vida eremítica no prédio do Êremo de São Bento. Essa nova fundação ocorreu em 7 de março de 1977.
- 6) Do francês: formador que entusiasma.
- 7) Do francês: formação com entusiasmo.
- 8) Do francês: maneira como uma pessoa se porta em sociedade.
- 9) Do francês: o dia de amanhã.



Aspectos do Êremo Præsto Sum. Em destaque, hasteamento do estandarte ao cântico do Credo; à esquerda, vista do jardim durante um cortejo; à direita, cortejo em direção à capela



VI

VARÃO PROVIDENCIAL

Sempre no extremo limite de si mesmo, afetivo e combativo; cheio de imprevistos e surpresas, dando a tudo uma nota de alegria e jovialidade; eficaz na força de persuasão, com um espírito absoluto, humilde e abnegado: tais são os atributos do Sr. João Clá, dotado de um carisma especial para o apostolado.

Um dos mais excelentes traços de alma do João é que há nele qualquer coisa de desmedido, mas de saudável e esplendidamente desmedido.

No extremo limite de si mesmo

Os melhores *élans* dele – e quantos são! O dia inteiro! – vão numa direção de alma que me agrada enormemente: a de chegar até o fim! Poder-se-ia dizer que o modo de ele ser se condensa na frase: *À la fin de l'envoi, je touche!*¹

Nunca o vi briguento, mas ligeiramente *frondeur*,² sempre na fina ponta da iniciativa da luta, na ponta da última estocada, para fazer aquilo que de mais saudável, criteriosa e catolicamente extremado se possa imaginar. Aqueles que não gostam de radicalismos devem se ferver vendo-o planejar, agir e fazer, efervescente de vitalidade, de agressividade sadia.



Dr. Plínio com o Sr. João Clá, durante uma cerimônia em 14 de dezembro de 1994



Os movimentos dele são movimentadíssimos, os olhares, “olhardíssimos”! Eu sempre ouvira falar como os olhos andaluzes eram grandes e especialmente expressivos. Muito mais tarde é que vim a conhecê-los e concordei perfeitamente com essa apreciação. Aqueles enormes olhos redondos do João, quase desmedidos, sem chegar a sê-lo, tomando uma boa parte do rosto, são luminosos, suaves, movediços, afetuosos, exprimindo sucessivamente conotações que nunca são bruscas, mas quase sempre inesperadas; olhos que observam tudo e, no sentido bom da palavra, são sonhadores. Ele os arregala com uma expressão única, analisa todas as coisas de um modo espantosamente ágil, penetrante e, ao mesmo tempo, discreto. E assim apresenta uma série de contrastes harmônicos, que fazem da consideração desses olhares um entretenimento.

Ao falar, o João contém suas vibrações e emoções, mas vê-se que por detrás está fervilhando. Ele não faz outra coisa senão exprimir o que viram esses olhos andaluzes e o que esse coração católico, muito mais do

que simplesmente andaluz, experimentou a respeito daquilo que foi visto. Ele todo está sempre no extremo limite de si mesmo.

A medida de amar a Deus, disse São Bernardo, consiste em amá-Lo sem medidas.³ Quanto eu gosto dessa posição! Devemos ter, realmente, algo de ilimitado, que constantemente indique para um extremo limite que nunca alcançamos e para o qual sempre tendamos, e que só atingiremos no momento em que, exalado o nosso último suspiro, dermos o primeiro ósculo aos pés de Nossa Senhora. Essa postura de alma me agrada muito.

Combativo e afetivo; espanhol-italiano, filho do Brasil

Estou certo de que aqueles que sabem verdadeiramente combater por Nossa Senhora e segundo Ela, também sabem agradar. E os que de fato sabem agradar por Ela e n’Ela, sabem combater! A dissociação entre o afeto e o espírito beligerante, entre a luta e o carinho é falsa e revolu-

cionária, pressupõe opções inaceitáveis. Como pode o homem ser afetivo e por isso renunciar a ser combativo? Como pode o homem ser combativo e renunciar a ser afetivo?

No João temos um homem com essas duas qualidades, um filho que sabe combater e sabe prodigiosamente agradar, utilizando a afetividade e a suavidade... Há uma parte da alma dele muito preservada, a cujo charme ele une esse lado afetivo para convencer os outros e levá-los a fazerem o que é necessário. Ele tem várias formas de suavidade: uma é aquela acariciante e sub-reptícia com a qual ele escorrega uma notícia um pouco complicada. Muito amorável e simpático, ele tem um jeitinho de agradecer e, ao mesmo tempo, fazer pressão, que é uma obra-prima. Não se trata da mera brutalidade nem do mero sorrisinho mole, mas de um ponto de equilíbrio fantástico. Como estou habituado aos bons procedimentos e bons tratos dele!

Em toda a sua ação, ele, muito movediço, traz a efervescência espanhola com seus atrativos sevilhanos únicos. Este sangue efervescente da Andaluzia brilhante e gloriosa circula como uma luz na personalidade dele, pondo os afetos brasileiros em movimento. Há certas manifestações dele nas quais se sente a fibra da Espanha um pouco banhada pelas águas do Brasil, no que ela não perdeu nada e, em certo sentido, ganhou.

Quanto eu acho que o temperamento espanhol, com suas ebulições, completa bem o temperamento brasileiro, no que ele tem de pacífico, de quieto e de afetuoso! Tal união se realiza muito bem neste meu filho particularmente dileto, que me alegro em ter ao meu lado, bem perto de mim: o meu querido João Clá, filho da Espanha e da Itália, nascido no Brasil.

O João possui toda uma bagagem de talentos, herança da Andaluzia e da Itália: ele tem o heroico do espanhol e o comunicativo do italiano, a ver-



Dr. Plínio com o Sr. João Clá, durante uma cerimônia em 9 de dezembro de 1991

ve espanhola e algo do encanto italiano misturados. E assim temos no Grupo essa síntese ítalo-espanhola célebre, formada na pessoa dele; uma fivela entre essas duas nações de sol, de luz, de som, de repique! Espanhol a cem por cento, italiano a cem por cento, sem uma gota de sangue brasileiro; entretanto, mais brasileiro do que espanhol e italiano, se por brasileiro se entende não só a pertencença a essa terra, mas a aquisição daquele imponderável do espírito desta nossa nação, que faz dele o mestre não só de todas as dedicações, bons exemplos e bons ensinamentos, mas de todos os jeitinhos, arranjos, coragens e surpresas.

Ele é um filho deste Brasil que trabalha e luta; deste Brasil que, apesar de pouco ou nenhum sangue brasileiro ter, torna-se intensamente brasileiro pelo convívio, pela osmose, de tal maneira que se pode dizer que ninguém é mais brasileiro do que ele; deste Brasil que o meu querido João Clá representa tão bem!

Inteligente, esperto, observador

O João é inteligente, muitíssimo bem dotado, com uma capacidade de movimentos e raciocínios bastante rápidos, com intuítos e planos sapiencialmente equilibrados, de uma sabedoria que não é de pesar tanto a respeito do pró e do contra, mas de ver logo a solução e ir correndo rumo a ela. Essa é a sabedoria do meu João. E sei que ele decide o que eu decidiria.

Ao mesmo tempo, na onímoda esportividade dele, é cheio de percepções, que constituem uma matalotagem magnífica! Estas riquezas da alma, quando aproveitadas, dão para a inteligência um mundo de premissas e a possibilidade de colher uma série de observações. Qualquer coisa que acontece, o João capta e imediatamente relaciona. De fato, ele é um observador meticuloso, além de um bom narrador e um psicólogo de primeiríssima!



Dr. Plínio com o Sr. João Clá no Auditório São Miguel, em 1982

O João é arriscado, disposto a todos os riscos; fogoso e muito valente. Ele sabe como avançar e também como recuar. É o homem dos mil passos e mil malabarismos, capaz de todas as destrezas, tão reativo, saltitante, jeitoso! Um ótimo advogado das causas difíceis e até das impossíveis.

Surpresas e imprevistos

Nosso João nada nos imprevistos, é um homem de surpresas! Mas é todo o *faire*⁴ dele, porque tenho a impressão de que os golpes dele rendem bem quando são imprevistos e, se ele os planejasse, não sairiam tão bons. Ele deixa em suspense até a última

hora e é incapaz de organizar algo em que as surpresas não estejam presentes sem ter o intuito de pregá-las, porque então perderiam completamente a graça. A surpresa, quando planejada, não é surpresa nem para quem a produz nem para quem a recebe, tem cheiro de fábrica. A verdadeira surpresa é aquela espontânea, que sai do movimentar normal de uma alma, e causá-la é dos deleites dele.

Onde falta a surpresa nas obras organizadas pelo meu caro João? Muitos homens dão más surpresas, mas meu querido filho João poderá passar para a História como o João das boas surpresas. É a sua marca registrada...



Dr. Plínio e o Sr. João Clá durante um jantar no Primeiro Andar, na década de 1990

Como ele é entusiasta de improvisação, circula em torno dele uma tese, que me chegou à maneira de *sotto voce*:⁵ quando eu improviso, sai melhor do que quando planejo. De onde, às vezes, no sábado à noite, não me dizerem qual é o tema da reunião; pergunto e noto escorregarem entre as minhas mãos. Depois tenho de me arranjar na hora, e parece-me que ele gosta de me ver improvisar. São “cildas” que ele faz comigo e que me revelam como é a cabeça dele.

Ele *coule en douceur*,⁶ mas sem infringir a obediência. É preciso prestar esta homenagem ao meu caro João Clá: ele é muito obediente e submisso. Eu apenas enuncio amavelmente algo e ele já o toma como uma ordem; basta perceber que quero alguma coisa de um jeito ou de outro, que ele a executa.

A alegria da virtude e da seriedade

Ora, o grande mérito dele reduz-se a um píncaro, que é a alegria da virtude, do amor de Deus, da admiração. Sentir essa alegria é a saúde da alma; transmiti-la é expulsar acédias, sobre as quais age o pior demônio, que cau-

sa o tédio nos assuntos relacionados à virtude e a Deus. O João tem essa alegria em alta dose. Ele se alegra em admirar e leva os outros a isso, comunicando-o com um certo dom.

Ele é *espègle*,⁷ animado, tem todos os trejeitos, todas as *espègleries*, tem coisas engraçadas e arranja sempre uma nota jocosa naquilo que faz, de maneira que, sem um pingão de jovialidade *hollywoodiana*, ele tem o dom de provocar o sorriso bom – eu vou dizer mais, que é talvez mais difícil –, de causar o riso bom, com tudo quanto conhecemos nele de destro, de brilhante, de *enjoleur*,⁸ de fascinante, de persuasivo... Eis um dos aspectos altamente louváveis da formação dada por ele aos “enjolas”. Quando há um passo a ser dado, ele o apresenta como algo prático, facilmente acessível, e de um modo muito alegre, que atrai. Assim, o João mantém um ambiente de alegria que, de outro lado, não exclui em nada a seriedade.

É esta uma virtude que eu procuro ter, tanto quanto possível. Eu tomei a seriedade às costas, como uma cruz, e andei com ela pelo mundo moderno! Essa seriedade afugenta, inclusive na TFP, na qual existe a miserável tendência a conversar so-

bre a última marca de automóvel, sobre o tipo novo de avião que está fazendo o circuito Brasil-Europa, sobre mil misérias dessas, não consideradas sob o ponto de vista sobrenatural, mas sim por um prisma praticamente ateu. O resultado é que eu produzo o vazio em torno de mim.

E Nossa Senhora deu ao meu querido João a graça, a leveza, a vivacidade, o charme, pelos quais ele pode ser, de uma maneira leve, o apóstolo da seriedade. Sem fazer sentir aos “enjolas” o peso desta virtude, levamos na alegria de sua juventude para o píncaro da seriedade, fazendo-os subir essa montanha como sobe o alpinista, sem medir o número de passos nem o caminho que ficou para trás, olhando apenas para o cume!

O modo de ser do João e o meu são muito diferentes. Na minha calma sedentária, tranquila, e no meu modo de prever e de fazer as coisas, não cabem os imprevistos, as pitorescas castanholas e o sapateado da Andaluzia do João, que ele faz bem em cultivar. São aspectos totalmente diversos, mas creio que ele me completa; alegro-me em ver que ele tenha isso, dou risada agradavelmente, estímulo, e o João o sente.

Eu tendo para uma forma de solenidade, ao *compassé*,⁹ ao regrado, à *bataille rangée*, e não à *bataille mêlée*¹⁰ do João, aquele “angu” que dá vitalidade para todo o pessoal pular, rir, aprender e admirar. Porque é verdade que, quando o João bate castanholas, sai fogo de dentro delas. Ele poderia discorrer à vontade sobre os temas que trata, sem castanhola, mas interessariam muito menos... Esse é o João!

Ora, ele é uma pessoa brincalhona, mas no fundo tem muito senso da dor, aguenta “abacaxis”, passa por situações insuportáveis. Resultado: as bênçãos cobrem o que ele faz! Considerá-lo um *vincitore*¹¹ perpetuamente feliz é a visão mais superficial que há.

Presente em tudo

O meu João tem o dom da ubiquidade. Ele está presente em todos os lugares, e não sei como encontra tempo para fazer tudo quanto faz.

Às vezes fico abismado quando vou para a sesta, pensando instintivamente que o João foi cuidar de outras coisas e, ao acordar, encontro-o rezando o Rosário em meu *hall*. Eu não sei o que ele fez durante esse tempo, se deu duzentos telefonemas ou rezou duzentas Ave-Marias, mas o fato concreto é que ali está o meu João, com o grande mérito dele e, mais do que isso, com a dedicação, o empenho, a gratidão, virtude tão rara hoje em dia! Sua presença é um verdadeiro tesouro!

Ele é tão vário nos voos de sua alma!... Há passarinhos que voam com continuidade, outros, com descontinuidade. Se a alma do meu João tivesse de ser comparada a um passarinho, não seria nem a um, nem a outro. Ele tem continuidades que se rompem bruscamente para novas continuidades, as quais não são contínuas entre si, mas súbitas como o raio. No entanto, em cada continuidade a linha é reta, e lá vai ele! Quem tem uma alma assim?



Dr. Plínio e o Sr. João Clá durante uma Missa em 1985

Modelo de abnegação e humildade

Ouvem-se dentro do Grupo muitas críticas ao João Clá, mas não se ouça dizer que ele seja vaidoso de sua situação, da qual com suma facilidade poderia orgulhar-se. Se ele não fosse – com a graça de Nossa Senhora – um modelo de abnegação, uma pessoa

que procura se apagar e não falar de si, teria a possibilidade de ser danoso à minha autoridade tanto quanto quisesse, por sua influência sobre os mais novos, chamando as atenções para si com um aceno. Ora, isso não acontece porque ele tem muita humildade no exercício do próprio cargo.

Naturalmente os outros não notam, porque as virtudes autênticas não são advertidas. O espírito vago observa apenas as virtudes superficiais ou inautênticas. Pudesse eu ter dez desses homens apagados e “insignificantes” – dez Joões Clás, para abreviar a metáfora, atrás dos quais eu viajo no esplendor –, e tudo mudava!

Como o João não bebeu da taça do mundanismo, posso elogiá-lo em público pelas boas obras que realiza, sem o risco de suscitar-lhe vaidade. Ele está sempre escondido quando se trata de aparecer ou de receber elogios; ele escorre da alusão a ele o quanto pode, se é que não se eclipsa, some ou foge, como é pitoresco e contínuo hábito dele... E, na hora dos aplausos, só não estar presente. Eu às vezes o procuro com o olhar – nós temos uma comunicação pelo olhar que funciona com bastante pre-



Dr. Plínio chegando à Sede do Reino de Maria, em janeiro de 1979



cisão – e não o vejo. Eu preciso ir a um observatório astronômico indagar lá qual é o corpo celeste que mais se eclipsa, o campeão na arte do eclipse: será seu concorrente. Mas, em todo caso, no fundo de meu coração ele está, e me alegro de poder dizê-lo.

Carisma e graças, o apostolado só dá frutos nas mãos dele

Eu costumo chamar o João Clá, por gracejo, de “carismático”. A meu ver, analisado em profundidade, entre os mil dotes, talentos, aptidões e jeitos, ele tem uma capacidade de entreter que é verdadeiramente excepcional. Ele é entretenidíssimo; conversar com ele é muito agradável. Ele não é só um bom apóstolo, mas é dotado em extremo de qualidades de comunicação, de modo de falar, de vivacidade, de poder de atração e de uma série de outros predicados que fazem dele uma figura privilegiada, um mestre em matéria de apostolado.

Por uma graça, um carisma especial – creio ser segundo toda a evidência que a Providência o dotou desse carisma – ele soube criar uma ação contraofensiva nos jovens a favor do bem.

A única pessoa que se adaptou aos “enjorras” é o João Clá. Toda forma de apostolado que, direta ou indiretamente, está nas mãos dele tem a capacidade de atrair e de desenvolver. Quando não está sob sua influência, podem até se formar grupos, mas eles se desfazem ao cabo de algum tempo, porque a força de aglutinação parece nula.

Tudo quanto ele faz tem fecundidade, estabilidade. Da parte dos elementos que o seguem, há uma docilidade que se pode chamar modelar. Toda essa obra tem um sentido evidente, que é a vantagem, para esses rapazinhos, da formação que ele está dando.

Se tirar do Grupo a obra do meu João, o que resta? Por exemplo – que Deus nos livre e guarde –, se eu

o mandasse para uma missão arriscada na Polônia, e os comunistas o retivessem durante um ano, tenho os maiores receios de que a “enjorrada” se desagregasse.

Donde não adianta querer tirá-lo e pôr um outro, pois não é questão de capacidade, nem de fazer maior ou menor bem; é um *savoir faire*,¹² é o dom de interessar os mais novos, ou seja, de adaptar-se a dar o que eles desejam. Isto cabe a Nossa Senhora decidir, não a ele. Ela lhe deu essa graça e se utiliza dele para o apostolado e para impulsionar uma série de coisas do Grupo de modo maravilhoso.

Os carismas não são dados em razão da virtude, mas no caso do João, sim. O essencial do João é a chama que ele comunica, e para isso é preciso um grau e um estilo de fervor que ele tem em torrentes. Acrescente a graça, sem cujo auxílio nada se faz, e teremos esta obra extraordinária!

Fator de união com o fundador

Considerando o Grupo no Brasil e globalmente, encontra-se, com a graça de Nossa Senhora, muita coisa boa. Mas o que ele possa ter de



Dr. Plínio e o Sr. João Clá em 1982



Cenas do Concerto de Aniversário promovido pelo Sr. João Clá para Dr. Plínio no dia 11 de dezembro de 1990



mais dinâmico, não existe fora do São Bento ou do Præsto Sum, pois há uma nota específica das áreas onde o João trabalha, as quais se caracterizam por uma união comigo toda especial. Por exemplo, impressionam as graças que sopram nos retiros pregados pelo João aos êremos! “*Non fecit taliter omni nationi et iudicia sua non manifestavit eis*” (Sl 147, 20). Não fez assim para todo o Grupo e não manifestou às outras unidades do Grupo a sua assistência, a sua bondade, os seus desígnios, como manifestou ali.

Houve várias tentativas fracassadas de expansão do Grupo pelo Brasil, de maneira que ficaram vários restos de conjuntos espalhados, dos quais alguns membros entibiaram e saíram, outros nós acolhemos e foram elevados ao melhor. Mas a expansão enquanto tal fracassou, até determinado momento em que, com o São Bento e o Præsto Sum, com o tipo humano formado nesses êremos, foi possível começar uma difusão real, autêntica, de grupos estáveis por todo o Brasil. E se deu porque tiveram a coragem de olhar inteiramente para o fundador e aceitá-lo.

Portanto, passou a existir no Grupo um fator possante de união de alma comigo, um fator decisivo de entusiasmo, que eu não posso deixar de mencionar com afeto especial. Esse fator tem um nome: João Scognamiglio Clá Dias, a cujo impulso, a cujo zelo, a cujo garbo de personalidade, a cuja comunicatividade o Grupo deve o entusiasmo que caracteriza toda a etapa histórica em que ele atualmente se encontra. Tal é o apostolado desenvolvido pelo João, com o êxito que nós percebemos, muitíssimo de acordo com meu espírito e com minhas intenções.

Quanta e quantíssima coisa a Causa contrarrevolucionária deve ao João! Não há palavras para o exprimir! ❖

1) ROSTAND, Edmund. *Cyrano de Bergerac*, Ato I, cena 4. Esta frase literalmente se poderia traduzir como: “Ao final da estrofe, eu o toco”. Contudo,

seu sentido profundo manifesta a coragem e a ousadia do personagem de Rostand.

- 2) Do francês: contestatário.
- 3) SÃO BERNARDO DE CLARAVAL. *Tratado sobre el amor a Dios*, c.VI, n.16. In: *Obras Completas*. 2.ed. Madrid: BAC, 1993, v.I, p.323.
- 4) Do francês: fazer.
- 5) Do italiano: em voz baixa, como um segredo.
- 6) Do francês: escorrega discretamente.
- 7) Do francês: travesso, espirituoso.
- 8) Do francês: cativante.
- 9) Do francês: formal, grave.
- 10) *Bataille rangée*: batalha em fileiras; *bataille mêlée*: batalha sem qualquer ordenação.
- 11) Do italiano: vencedor.
- 12) Do francês: saber fazer, habilidade.



VII

LEGADO DE DONA LUCILIA

Só um amor filial a Dona Lucilia poderia fazer com que começasse a florescer em torno dela uma algazarra afetuosa de outros tantos filhos. Pelo modo todo especial de falar sobre ela e de pô-la em foco, surgiu um dos aspectos mais penetrantes e fecundos da grande ação que Mons. João desenvolveu no Grupo.



Dona Lucilia um mês antes de seu falecimento

Meu trato com Dona Lucilia era o mais carinhoso possível. Creio que nunca se viu um filho ser mais afetuoso com sua mãe do que eu era com ela. Eu a tratava de “meu bem” às torrentes! Mas era o mínimo que eu lhe dizia!

Discrição em elogiá-la

Várias vezes analisei mamãe implacavelmente, porque queria ter absoluta certeza de que, na minha apreciação em relação à pessoa dela, eu não me deixara levar por aquilo que se poderia chamar as respeitáveis fraquezas do amor filial; e que, portanto, eu não fora levado a fazer a respeito dela uma imagem melhor do que a realidade. Eu a examinei inexoravelmente, a submeti como que a testes, e posso dizer – com precisão e objetividade inteiras – que ela saiu sempre vitoriosa, com uma tal naturalidade, sem perceber nem

de longe que estava sendo observada ou testada. Tudo quanto ela fazia eu achava que era como devia ser.

Não encontro palavras adequadas para exprimir isso, por causa da emoção que o fato me dá.

Alguém dirá: “Mas por que o senhor não nos disse isso antes?” Por estas ou aquelas razões, sou em extremo discreto ao tratar de mamãe. Não porque eu tenha qualquer dúvida, mas porque não devo dar a ninguém a impressão de que, em algo, a devoção a ela foi estimulada e favorecida pelo afeto de um filho que a queria imensamente bem.

Frieza incompreensível dos familiares e amigos

De outro lado, vendendo-a tão negligenciada pela família, parecia-me que o bem que ela fazia a mim era uma ação puramente individual. No Evangelho de São João lê-se aquela passagem: “*In propria venit, et sui eum non receperunt*” (Jo 1, 11). Nosso Senhor veio entre os que eram d’Ele – isto é, nasceu na família de Davi, na Casa de Davi, no povo de Davi como convinha –, mas estes não O acolheram. Isso se podia dizer de Dona Lucília: ela nasceu onde era próprio a ela, mas os que eram dela não a acolheram.

Em uma ou outra ocasião, eu a vi conhecer membros do Grupo que também a trataram com total indiferença. Certa vez um deles me disse: “Eu acho Dona Zili¹ muito mais simpática que Dona Lucília, não tem comparação!” Se não fosse o interesse da Causa Católica, a vontade era de abrir a porta e pô-lo para fora. Mas passei por cima.

Vendo tais atitudes, eu nunca podia imaginar que a presença dela

haveria de fazer algum bem para o Grupo.

Ora, eu não podia compreender como era possível essa postura diante dela. Haveria pessoa mais própria a dissipar a frieza do que ela? Quando ela estava viva, várias vezes me punha este problema: “Se eu não fosse filho, mas sobrinho, que relacionamento teria com ela?” E concluía: “Seria quase o



*Dr. Plínio em
25 de fevereiro de 1995*

mesmo! Só não idêntico por uma única razão: eu não teria as mesmas ocasiões de me encontrar e estar junto a ela. Quanto ao mais, seria o mesmo”.

Depois imaginava: “E se ela fosse uma pessoa que eu conhecesse na sociedade, que atitude eu teria?” Seria também a mesma! Creio que, em qual-

quer lugar do mundo em que a tivesse conhecido, eu teria sido atraído pelo olhar dela, pelo modo de ser dela e teria feito com ela uma amizade de virar e romper! E tenho a impressão de que ela teria gostado muito de mim!

Assim, como era possível ficar frio diante daquela bondade? Eles não percebiam? Quando ela os cumprimentava, não sentiam a sua benevolência? Eu não compreendia!

Feita para ter milhares de filhos

Durante as análises que fazia de mamãe, eu a olhava e pensava: “Há algo de axiológico na vida dela que parece não estar bem acertado. Ela possui uma afetividade enorme, foi afetuosíssima como filha, afetuosíssima como irmã, afetuosíssima como mãe, afetuosíssima como esposa, como avó e mesmo como bisavó. Ela levou o seu afeto até onde lhe foi possível.

“Mas tenho a impressão de que alguma coisa nela dá a nota tônica de todos esses afetos: é o fato de ela ser, sobretudo, mãe! Ela possui um amor transbordante não só para com os dois filhos, uma neta e um bisneto que teve, como também para com os filhos que ela não teve. Dir-se-ia feita para ter milhares de filhos e que seu coração palpita do desejo de conhecê-los. Entretanto, esses filhos não vieram nem poderiam vir nesse número exorbitante. O que quis a Providência com isso?”

Só tive a resposta para tal indagação – e que resposta magnífica! – quando comecei a ver que, em torno da sepultura do Cemitério da Consolação, os filhos começavam a florescer. O túmulo dela tornou-se um “viveiro”! Eu o vejo florido com um



bom gosto, uma arte, com a sobriedade que só um afeto filial como o do João pôde excogitar, impulsionar e coordenar...

Se não fosse o João, ela iria para a sepultura e sua campa seria tão pouco frequentada quanto a dos pais dela, que fica a dois passos, e como as outras, nas quais nunca há visitantes. Isso se desenvolveu pela ação da graça e pela ação de terceiros, como o João.

Uma tristeza que afastava os outros e atraiu a um

Tenho a impressão de que mamãe acabava afastando alguns membros

do Grupo, porque, no fundo, ela levava consigo certa tristeza.

Não é possível entender bem a Igreja Católica, se não nos colocamos diante da perspectiva de que o normal da vida terrena é ser, antes de tudo, uma grande guerra, e que para vencê-la é necessária uma imensa crucifixão interior. O resultado é que o estado de espírito habitual do católico deve ser profundamente sério. Ora, para o católico deste século – de um modo especial para os que têm a nossa vocação – o drama consiste em sofrer o drama da Igreja, e com essa seriedade.

Quem teve o mérito de se sentir atraído por essa tristeza de mamãe, enlevado e iluminado, foi o João.

Nos últimos lampejos da vida, aurora de uma devoção

A crise de diabetes, com as provações enormes que ela acarretou para mim, deu oportunidade a que alguns conhecessem mamãe nos últimos lampejos de sua vida. Não teriam conhecido se não fosse isso, porque eu cortava o comparecimento de muitos à minha casa, para preservar-me. Eu pensei: “Não posso proibir esses rapazes de virem aqui, porque, até certo ponto, sou um bem deles e eles têm direito de dispor de mim. Não posso, no momento em que estou tão doente, dizer-lhes que não venham. É um direito dos filhos frequentarem a casa do pai, quando este está doente”. De maneira que as portas fechadas se franquearam exclusivamente nessa ocasião e houve uma aproximação que abriu ainda mais os olhos do João para mamãe e para o filho que ela trouxera ao mundo.

Eu tinha uma vaga ideia de que ela falava com todas as pessoas que me aguardavam no salão. Embora ela estivesse, no fim da vida, em condições de pouca lucidez, eu sabia que ela seria muitíssimo bem tratada e que, de outro lado, ela podia estar sozinha no quarto, que não faria nada que a desdourasse. Portanto, deixava correr o marfim...

Ora, eu estava de cama e não via a algazarra afetuosa feita em torno dela, não por parte dos membros mais antigos, mas pela “birichinada”²² vinda da Aureliano.

Eu não suspeitava que o entendimento entre mamãe e eles, capitaneados pelo nosso João, fosse tão grande e tivesse chegado àquele ponto. Com efeito, o João se deixou tocar muito por ela e começou a fazer uma ciranda, criando um certo ambiente em torno dela. Mamãe recebia



Dr. Plínio acompanhado do Sr. João Clá, durante uma visita ao túmulo de Dona Lucília, em agosto de 1987



*Acima, Sr. João Clá em 1967.
À direita, Dona Lucília um
mês antes de seu falecimento*



os agrados com evidente comprazimento. Então eu, às vezes, a via entrar em meu quarto com fisionomia animada e contente, e me perguntava: “Curioso! Como ela está alegre... Por que será?” Eu não compreendia que ali estava sendo aberto o arco para a passagem de um caudal de graças enormes e de lutas que eu nunca poderia imaginar.

Mamãe morreu no fim da minha crise de diabetes, em 1968, e este convívio fechou-se. Foi só depois de ela falecer que percebi, ao conversar com os mais novos, a compreensão de mamãe de que eles eram capazes e até onde tinha ido o relacionamento com ela: tiraram fotografias, conversaram, perguntaram, etc.

Então dei graças a Nossa Senhora, vendo como os últimos dias dela foram cercados de carinho e deram início a um relacionamento que, depois de sua morte, pela ação do meu João Clá como um dos principais propulsores, haveria de continuar. Eu sabia que ele era dos mais entu-

siasmados. Mas só anos e anos depois vim a saber, *per accidens*,³ que ele era o entusiasmado. Foram imprevistos que eu celebrou com muita veneração.

Começou assim a se tornar mais difundido no Grupo quem ela era, e a se ter uma certa devoção para com ela. E percebi que, mesmo anos após a sua morte, quando outros descreviam a devoção que tinham a ela, era como se a houvessem conhecido em vida. Menos intensa do que o João teve, mas era a mesma coisa, a mesma mensagem.

A melhor descrição de Dona Lucília

Eu tenho internamente – não reduzida a palavras, mas como recordações – uma descrição de mamãe, que os quadros e fotografias naturalmente de algum modo relembram. Devo dizer que não acrescentam nada, que ela ainda ia muito além. Mas a melhor descrição que eu ouvi de mamãe foi uma feita pelo meu João, a qual ouvi atento, acompanhando palavra por palavra. A tônica foi



MONS. JOÃO SCOGNAMIGLIO CLÁ DIAS

o assunto das fotografias que ele tirou dela.

Isso se deu num momento em que eu não havia pedido a ele: “Descreva mamãe”, porque o poria na obrigação de montar um quadro. Ele não estava montando um quadro, mas me contou o encontro com ela na sala de jantar, pouco antes de fotografá-la, e englobou na recordação desse fato algumas impressões anteriores que ele havia tido sobre ela. Depois ele descreveu como ela mandou a empregada arranjá-la, a fim de preparar-se para a fotografia, e o que ela disse na hora da fotografia.

Eu prestei atenção para certificarme se conferia bem exatamente com o que os meus olhos de filho tinham visto. Sempre na tendência a vigiar-me e – por que não dizer? – a vigiar inclusive o que poderiam ser os entusiasmos filiais meus a respeito dela.

Quer dizer, um não filho – que não é levado ao exagero pelo movimento

temperamental e pela hereditariedade –, este, como a veria? E julguei a descrição dele muito bem-apanhada e que se caracterizava por um ponto sem o qual ela não estaria bem-feita: ele procurou reproduzir alguns ditos dela, quase palavra por palavra.

Eu percebia que no espírito dele – e tenho certeza de que ele não contestará – a impressão causada pela presença dela era muito maior do que pelas palavras. E, considerando as palavras, marcava muito mais a expressão, os gestos e o tom de voz do que o conteúdo literal, o qual se conformava com isso.

Por exemplo, ele falou muito a respeito da voz dela e ambos lamentamos nunca termos gravado algo... E, consciente ou inconscientemente, não sei bem, ele procurou, tanto quanto possível, imitar as inflexões de voz dela.

Por quê? Porque a inocência dela resplandecia, se deixava ver na-

quilo que ela dizia, na relação disto com os contextos dos fatos sobre os quais ela se pronunciava. Mas ela tinha, em relação a tudo, uma tomada de posição que se fazia ver no olhar, na postura da cabeça sobre o pescoço e os ombros, no movimento geral dos braços, no timbre de voz, no modo de ela participar dos assuntos, de entrar e sair deles; tudo tinha uma carga de alma muito maior e falava incomparavelmente mais do que o sentido literal das palavras!

Inúmeras vezes eu me sentava ao lado dela, acariciava e brincava com as mãos dela e, sentindo-as, pensava: “Eu morrerei sem ter compreendido que ninguém a tenha visto como eu, que ninguém tenha comentado, por exemplo, as mãos, o toque e a pele das mãos dela. Porque é preciso tê-las sentido para compreendê-las”.

Ora, as descrições que o João me fez dela correspondiam muito minuciosa e meticulosamente à impressão



Sr. João Clá mostrando a Dr. Plínio os quadros de Dona Lucília que mandou fazer, em 5 de Fevereiro de 1994



que ela me causava. Enquanto ele expunha, fiquei surpreso: “Será que existe uma pessoa no mundo capaz de fazer a ela esta justiça?”

Entranhado amor no papel de filho

O João tem um modo todo especial de falar dela e de pô-la em foco, em que mais se diria que ele coloca circunstâncias nas quais ela fala de si, do que ele dela. É obter que a voz dela se faça sentir, que o coração dela toque o nosso.

Nessa interpretação inteligente, sutil, profunda da personalidade dela e de tudo quanto esta representou, vejo não só a grande e esplêndida alma dela, mas o enorme afeto a ela do meu querido João Clá.

Há uma paráfrase de um verso de Dante que diz: “O amor me move e me faz falar”.⁴

Nesse entranhado, respeitoso e compreensivo amor, numa palavra só, nesse amor filial a ela, na recordação profunda de tudo quanto ele pôde recolher no convívio com ela – no rápido tempo em que este se passou –, em tudo quanto ele fez depois para aproximar dela tantos e tantos jovens, os filhos que ela teve quando já estava perto dos umbrais da morte; em tudo isso eu vejo bem o afeto do João Clá, a união dele com ela, o qual bem merece que se diga que

representou junto a ela um papel de filho.

Como me alegro em consagrar isso, em dizê-lo categórica e firmemente: é um dos aspectos mais penetrantes e mais fecundos da grande ação que ele desenvolve no Grupo. Porque cada um tem sua missão, seu papel. E o do João é, em muito larga medida, esse.

Profongamento da presença de Dona Lucília

Vou fazer uma confidência. Durante minha convalescência por ocasião do desastre de automóvel, notei logo nos primeiros dias como as pessoas que cuidavam de mim me tratavam com uma dedicação, uma bondade, um afeto tais que me faziam lembrar uma palavra de D. Chautard: o verdadeiro abade deve ser tal em relação aos religiosos que adoecem, que o doente não sinta falta de sua mãe.⁵

Enquanto permanecia de cama com as sequelas do acidente, várias vezes pensei: “A presença de minha mãe para mim é insubstituível. Não a esquecerei nunca, nada poderá ser para mim o que foi o sorriso dela, a gravidade, a respeitabilidade, o afeto dela – por que não dizer? –, a segurança que eu tinha simplesmente por senti-la perto de mim. Entretanto, se é verdade que ela, como pes-

soa, é insubstituível, foi plenamente substituída, não pela ação pessoal, mas pelos cuidados, diligência, carinho dos que me rodeiam e velam para tomar as decisões necessárias ao bom andamento de minha saúde”.

Eles cuidavam de mim, suportavam os mil incômodos que todo doente – sobretudo no meu caso, limitado nos movimentos – necessariamente traz para os outros.

E aquela que partira fazia isto de curioso comigo: deixava-me numa aparente solidão, mas compunha um tecido de afetos em torno dela e de mim, com o qual eu nunca haveria de contar em minha vida. Ela formou ao meu redor aquilo que de melhor poderia constituir para ser, como que, uma luz lunar depois do esplêndido dia que havia sido a presença dela. Este longo, argênteo e querido luar, o qual eu espero que me acompanhe até os últimos dias de minha existência.

Deste modo, o desvelo dela foi recrutando lentamente, em torno de mim, quem haveria de trazer o odor da presença dela; aqueles que, assim reunidos, constituem a fragrância do perfume dela quando estava aqui na Terra, à testa dos quais reluz o meu querido João Clá, razão de tanta alegria para mim.



A melhor herança legada por Dona Lucília

Havia no teatro grego antigo a expressão: “Bastão de minha velhice”. Meu João é um querido bastão... Um não, o querido bastão de minha velhice, a melhor herança que mamãe me deixou. É um legado que considero com carinho, por ela destinado nos últimos dias da vida e conquistado para esta epopeia que é a consolidação de um círculo de almas que se lembram dela, rezam a ela e a quem ela protege.

Várias e várias vezes tenho considerado interiormente que a recompensa de mamãe à minha dedicação foi essa obra e esse bastão. Inclusive a intenção clara, protuberante, que o João tem de reparar o que eu sofro, lembra-me inteiramente minhas relações com mamãe, de tudo quanto eu fazia para construir em torno dela, na medida do possível, um palácio de delícias. Muitas vezes tenho pensado: “Aqui está a paga!” Visivelmente arranjada por ela, admirável e da qual eu só posso esperar tudo quanto há de bom.

Depois, foi pelo contato do “bastão de minha velhice” comigo, em consequência do desastre, que se consolidou algo dos vínculos entre o “bastão” e mim. Houve um florescimento interior nele, como a vara de São José: o “bastão” deu flores. Não era um bastão seco como aquela vara, mas deu flores, e daí veio toda uma reconquista.

Eu nunca falei tão seriamente sobre o assunto quanto agora, e tenho enorme alegria em poder dizê-lo. Alegria e múltiplas ações de graça e de afeto para com o “bastão” e os frutos dele. Naturalmente o “bastão” é a causa, imediata pelo menos, dos frutos.

Nessas condições, uma ou outra preocupação repercute como um peso pequeníssimo a carregar, em confronto com a literal imensidade de alegria. Pela primeira vez vejo-me em face desta forma de dificuldade: habituado a ser tratado com frieza, encontro-me diante da agradável e deleitosa neces-



Dr. Plínio com o Sr. João Clá, durante uma cerimônia em 1980

sidade de regular um pouquinho... *ordina questo amore!*⁶ É uma contingência deliciosa. Desde 1968 não estou acostumado a ser bem tratado, a não ser na “procedência” João Clá!

Glorificação de Dona Lucília

Hoje os filhos preenchem nosso auditório, não só com a sua presença física pessoal, mas enchem de afeto e de respeito para com ela; é um auditório no qual vejo bem que até os reverendos sacerdotes que nos honram com a sua presença, ao se referirem a ela, têm por vezes uma atitude, um movimento de alma que é o de filhos. Como ela teria gostado de ter filhos padres! Quanto ela teria gostado de assistir à Consagração celebrada por filhos sacerdotes; quanto ela teria gostado de receber a Sagrada Comunhão das mãos deles e ver que depois outros, e outros, e outros filhos iriam se adensando em torno deles para receber os Sacramentos e continuar a vida da Igreja!

Tudo isso que ela não podia entrever nem sequer imaginar, do Céu ela está vendo. E estou certo de que

é uma glorificação em relação à qual os Anjos cantam no Céu “Amém, amém, amém!”

Se através da distância enorme, incalculável, que separa o Céu da Terra é possível que se dirija um ao outro com diminutivo, eu, neste momento, não podendo ajoelhar-me digo, entretanto, com a alma genuflecta e de todo o meu coração: “Mãezinha, muito obrigado! Amém, amém, amém”.

Agradeçamos o fato de a Providência ter dado o João Clá a mamãe e a mim. ♦

- 1) Brasilina (Zili) Barbosa Ferraz, irmã de Dona Lucília.
- 2) Do italiano: *birichino*, criança travessa. Apelativo dado, na região de Turim, aos meninos de famílias modestas com os quais São João Bosco fazia apostolado.
- 3) Do latim: acidentalmente, por acaso.
- 4) ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. O inferno, canto II, 72.
- 5) CHAUTARD, Jean Baptiste, O.C.R. *A alma de todo o apostolado*. São Paulo: FTD, 1962, p.21.
- 6) SÃO FRANCISCO DE ASSIS. Cântico XIX.



VIII

UM HOMEM COMBATIDO

A partir de uma compreensão profunda da grandeza de seu fundador, o Sr. João Clá passou a fazer o apostolado do entusiasmo, constituindo-se num facho de luz do qual vivia o Grupo.

Isso lhe valeu tornar-se objeto da incompreensão, da inveja e até do ódio por parte de alguns daqueles sobre os quais espargia sua benéfica influência.

Em relação ao fundador, o João tomou uma atitude que, de um modo público e notório, por essas ou aquelas razões nunca ninguém havia tomado: falar com um discernimento dos espíritos sentido em si e comunicá-lo aos outros. Ele agiu assim com um resultado muito bom, e o fogo dessa estrela teve o seguinte histórico.

Luta contra os médiocres

O grande mérito do João Clá foi o de fazer apostolado sobre a pessoa do fundador, sempre baseado na Doutrina Católica, apresentando a questão em termos canônicos, com profundidade, seriamente, e apontando os aspectos que em mim eram dignos de elogio, razão pela qual ele passou a ser combatido dentro do Grupo. Vendo-o agir, muitos fica-

Dr. Plínio com o Sr. João Clá em 1990





ram furiosos, usando escusas para atacá-lo.

Ora, por que esse empenho e esse desejo de criticar o João e de investir contra ele? Em larga medida porque ele é um espírito absoluto. Ele toma, por exemplo, a pessoa de mamãe e a põe numa altura que, no conceito desses objetantes, ninguém tem, não pode ter nem é desejável que tenha, porque a vida não é assim. Há, segundo eles, um certo limite de mediania que não é lícito a ninguém nem a nada exceder, o qual, se ultrapassado, desagrade ainda que seja magnífico. É um sistema de pensamento, um vício de ser pequeno e de nunca encontrar nada de desmedido no caminho.

Eles não são somente contrários a que se tenha entusiasmo para com alguém; para eles não se pode ter entusiasmo por nada e a vida precisa ser cômoda. E como o apostolado do João é justamente o oposto, daí o ódio e a perseguição sistemática.

Os que lutaram no Grupo contra essa graça cometeram um erro de uma gravidade enorme. Receio que, com minha morte, esses destruam a obra do Sr. João Clá.



Dr. Plínio acompanhado do Sr. João Clá, chegando ao Santuário do Sagrado Coração de Jesus, em 9 de dezembro de 1991

Queixas dos que dão importância às bagatelas

Aqueles que não veem e não querem reconhecer o que o João faz, muitas vezes se queixam do trabalho dele... Não recebo cartas anônimas, mas queixinhas; um ou outro me diz, até com respeito: “Dr. Plínio!... Fulano, de tal êremo, fez tal coisa”; “Um ‘enjolras’ passou perto de

mim e não me cumprimentou!!! A mim!?” É um estampido, um Vesúvio que estourou! E daí para fora. Percebo muito bem que, se é para massacrar o João, minha autoridade vale enormemente, usam dela como se fosse feita de propósito para isso!

Um veio com a objeção de que no Grupo há gente que não tem gosto pelos estudos, mas parecia endereçado contra os “enjolras”. Eu pus os pingos nos “is” afetuosamente. Outra censura que fizeram: “O Sr. João Clá não se presta para o cargo, porque ele os faz marchar como sargentões, e a verdadeira marcha militar é diferente”. São bagatelas que, se eu disser que não têm importância, dá em inconformidade. Ora, não posso afirmar terem importância, porque não posso mentir.

Entusiasmo que causa protestos

Ainda hoje alguns se opõem aos “vivas!” e criticam a claque que se faz nas Reuniões de Recortes, sem a qual elas se tornariam necrotérios! Como seriam ouvidas se não fossem as exclamações? Elas sucedem a quarenta anos de silêncio, interrom-



Dr. Plínio acompanhado do Sr. João Clá, chegando ao Auditório Nossa Senhora Auxiliadora, em 21 de abril de 1992

pido na maioria das vezes por quem se levantava para fazer objeções sobre pormenores. Se eu tivesse atendido ao desejo de alguns de acabar com as aclamações, as reuniões teriam ido água abaixo. E, ao término delas, o único comentário seria: “Está chovendo?”

Ora, é possível ter uma opinião atuante sem claque? Qual a organização no mundo que não tem a sua? Para o auditório me conhecer bem, há necessidade de que os ouvintes saibam aproveitar os recursos que eu tenho, ver na minha linguagem e no conjunto de meu modo de ser os adornos dos tempos de outrora e degustá-los. Para tal, é preciso organizar aplausos dos que entendem minhas palavras, de maneira a chamar a atenção do auditório para os pontos-chave. O aplauso faz, para o que eu digo, o papel do pedal aumentando o som do piano: ele não deforma a nota, mas lhe aumenta a sonoridade.

Não perguntei ao João, mas é possível que vez ou outra ele faça algum sinal para aplaudirem, porque os “enjolas” nem sempre discerniriam qual o verdadeiro momento de aplaudir, e o João o discerne superiormente bem. É como acionar o pedal do piano em determinado trecho. Ou mais, é a magnífica ajuda do órgão e do canto em certa parte de uma cerimônia religiosa, para realçar a carga emotiva que deve acompanhar aquela situação. A pergunta é: se não é lícita uma liderança emotiva organizada, não é lícito valer-se do cântico e do órgão durante a liturgia?

Não se justifica que num auditório, reunido pela simpatia a uma obra em cujo frontispício estou eu, discursando temas que suscitaram aquela simpatia – porque é em torno desse pensamento, dessa orientação que eles se congregaram –, eles tivessem atitude de funeral! Isso é a vergonha do orador. Ora, eu poderia dar ordem ao João de não determi-

nar nenhum aplauso naquele auditório? Para quê? Para chegar ao mesmo funeral? Seria mais perfeito que não fosse preciso; mas suprima os aplausos e se tem o ronco. Um dos dois ruídos se faz ouvir. E, por uma coincidência curiosa, os que mais roncam são os mais contrários ao entusiasmo.

E é necessário dizer com certa tristeza: as exclamações provocam protestos; entretanto, se elas fossem feitas a quem protesta, este não sentiria aversão, mas as acharia um canto de rouxinol... O que faz ver bem não ser o partido do zelo que levanta tais reações. Não são elas motivadas pelo amor a Deus.

*Invejam e cobiçam o poder,
mas não querem empregar
os mesmos meios...*

Assim como há candidatos à Presidência da República, percebi, e há muito, que existem também candi-



Dr. Plínio durante conferência no Auditório Nossa Senhora Auxiliadora, em 2 de novembro de 1992



dados para a direção do São Bento. Sei de várias pessoas que imaginam poder substituir o João Clá e que, se soubessem que ele morreu, seriam capazes de dar uma festa...

Esses candidatos se caracterizam pela seguinte nota: eles têm sempre o temperamento contraindicado para fazer o jogo do João, porque acham que nada é tão fácil quanto exercer a autoridade. Um homem com mau temperamento se orgulha em mandar: “Faça isto, aquilo, aquilo outro”. E pensa: “Eu tenho talento para isso e transbordo de desejo de exercê-lo. Esse João me rouba o cargo, ocupando-o perpetuamente. O remédio para essa *perpétuité*¹ insuportável é Dr. Plínio mandá-lo para bem longe dos ‘enjolras’ que ele dirige; para o Himalaia, por exemplo”.

Várias vezes comentei com o João que, infelizmente, invejosos da obra dele não faltam; há quem tenha desejo de desenvolver um apostolado à maneira dele, ter a mesma influência e os frutos que ele colhe. Eles ana-

lisam, então, como o João realiza o apostolado e o que faz para obter resultados, e procuram aprender com ele o “pulo do gato”.

No entanto, vendo-o falar do fundador, não estão dispostos a pagar este preço, empregar o meio que ele emprega. Preferem não ter o tão cobiçado poder, a acompanhá-lo nessa pista, na qual ninguém ousa apostar corrida com ele. Há alguns – são filhos a quem eu quero – que mesmo se souberem ser este o preço para o Grupo adquirir a verdadeira estatura, se recusariam a tomar a atitude devida com relação ao fundador. Compreende-se o porquê: eles sentem que atrairiam sobre si a cólera do demônio que se volta contra mim com tanta ferocidade. Eles não desejam isso, porque suporia uma ruptura com o mundo que eles não querem ter. Assim, almejam alcançar o fruto, como um homem tenta morder o próprio cotovelo: vai dando giros em torno de si, mas não o alcança...

Uma obra notável, cercada de críticos que só veem defeitos

Alguém dirá: “Mas quer Dr. Plínio, quer o Sr. João Clá, têm os seus defeitos, seus pontos objetáveis.”

Com o João dá-se o seguinte: ele tem uma personalidade admirável – que é preciso saber admirar! –, qualidades muito salientes, ângulos que, a olho nu, não se compreendem bem em um primeiro momento; e digamos que tenha também, como todos nós, alguns pequenos defeitos. Estes dão pretexto para certas pessoas, em vez de aplaudirem as qualidades, irem com uma lupa, muitas vezes deformada e mentirosa, procurar examinar pontinhos escuros na obra do João e de quando em quando darem uma alfinetada ou uma sapecada nela. Dizem para ele não fazer isto ou aquilo, e tecem comentários sobre ele de uma injustiça flagrante. Isto me é impossível ver com bons olhos.

“*Si iniquitates observaveris, Domine, Domine, quis sustinebit?* – Se levardes em conta nossas faltas, quem haverá de subsistir?” (Sl 129, 3) Não há obra que não tenha algum defeito... Mas eu não compreendo como uma pessoa possa não concordar que a do João tenha qualidades notáveis muitíssimo superiores aos defeitos, os quais não obstam a que Nossa Senhora comunique por meio do João as graças d’Ela aos borbotões. Basta olhar quinze minutos para o pátio do Præsto Sum, basta encontrar qualquer eremita, e ver: tem a marca do João, uma marca sempre muito boa. Ora, quando os frutos são excelentes, não se pode ir metendo o machado na árvore sem pensar.

No que diz respeito ao João Clá, vale o princípio: se não se pode aplaudir uma pessoa porque ela é objetável por algum lado, a quem aplaudir nesta Terra? Com exceção de Nossa Senhora e São José –



Dr. Plínio acompanhado do Sr. João Clá, em 13 de dezembro de 1990

não falo do Menino Jesus –, quem ao longo da vida não tem defeitos? *Quorum primo sunt ego* – dos quais o primeiro sou eu, na atual lista das coisas.

Uma comparação: o lance de Verônica

A esse propósito ocorreu-me uma comparação: imaginem o lance de Verônica na Paixão de Nosso Senhor. Ela teve um ato de coragem ao interromper o curso dos acontecimentos e enxugar a Divina Face. Ora, é provável que esta atitude inesperada tenha sido objeto de comentários, murmúrios ou de muito sussurradas manifestações de acordo. É possível que uma mulher qualquer que estivesse ali cochichasse ao ouvido de outra: “Eu não vou com ela, porque ela não me cumprimentou bem hoje cedo”.

O que dizer a quem faça esse comentário? “Você não ama a Nosso Senhor Jesus Cristo”. Vamos admitir que Verônica, de fato, devesse ter sido mais afável com essa senhora. Mas isso vem em linha de conta depois de ela ter enxugado a Face do Redentor? Não era melhor não ter língua, do que usá-la para uma observação como essa?

De igual modo, no que diz respeito ao meu João e a mim, nós procuramos servir a Causa da Santa Igreja e de Nossa Senhora o quanto podemos. Numa época em que juntos procuramos servi-Las, se há uma regra de mútuo convívio que deve pairar acima de todas as outras é esta: ele está servindo e dedicando a vida a Nosso Senhor, a Nossa Senhora e à Santa Igreja; o que ele fizer a mim, de um jeito ou de outro no decurso disso, não tem importância nenhuma! Sou um cisco, um pó, *un petit vermisseau et misérable pêcheur*,² como afirmou São Luís Grignon de Montfort.

Quando eu não tenho valor, o que é feito a mim não pode ter importân-



Dr. Plínio acompanhado do Sr. João Clá, em janeiro de 1990

cia; no centro está a Causa, só ela é importante. Se julgamos ter importância junto à Causa em cena, não entendemos o que ela é, temos de recomeçar tudo: nascer, voltar ao berço, crescer e viver outra vida...

A luz da qual vive o Grupo

No torrencial do meu coração, eu sou inteiramente paterno com o meu João Clá, com cuja obra estou muitíssimo satisfeito, até transbordar. Eu o vejo como filho, sou um pai para ele e o protegerei até debaixo d'água, contra o meu peito, como quem diz: “Quem bate nele, bate em mim”. É evidente! O Sr. João Clá recebe a todo instante manifestações deste meu contentamento, meu apoio que, aliás, é público no Grupo, notório, ostensivo. Eu me dedico e faço o que posso e que tem cabimento fazer por ele, porque é um facho de luz do qual vive o Grupo.

E a isto dou um valor, um alcance que não é exclusivista; não se po-

de dizer, portanto, que só dou minha atenção ao João, pelo contrário! Estou atento em ser muito amável e correto com todos, com qualquer um. Mais ainda: ao mesmo tempo que eu dou, de fato, todo o apoio ao João e ao que ele faz, também é verdade que mantenho de pé uma série de outras coisas que, sem isso, não estariam de pé.

Penso com os meus botões: “O principal mérito do João é ter restaurado algo sem o qual o Grupo provavelmente não existiria, e que mantém uma atmosfera que lhe dá respiração!”

Os rapazinhos novos se acendem num amor, num entusiasmo pela Causa e recebem graças nas quais é impossível não reconhecer um prolongamento daquelas que os mais antigos receberam quando tinham mais ou menos a idade deles. E, nesse sentido, o São Bento e o Præsto Sum aparecem aos olhos de todos como uma espécie de pro-



messa e, ao mesmo tempo, de censura.

Ao ver os “enjolras” brilharem em certos sentidos, tem-se a impressão de que são donos de um jardim fechado no qual só eles podem entrar. Mas é preciso tomar em consideração que este jardim foi aberto primeiro para os mais velhos, e continua aberto com o convite da Providência: “Entrai e servi-vos desse banquete espiritual, porque sois os primeiros para os quais ele foi feito.”

Comovedora bondade de Nossa Senhora

Vê-se a caridade de Nossa Senhora para com os antigos. No momento em que eles empurram as graças que receberam, Ela não extingue o fogo, mas o acende em outras mechas, e diz: “Meus filhos, vejam, relembram-se, procurem; o caminho está aberto”.

Não houve nenhum sinal do Céu, a Providência não enviou a eles Anjos, mas os fez discernir algo na atitude daqueles que deveriam ser os segundos ou terceiros continuadores deles, na sucessão genealógica do Grupo.

Há um lado maravilhoso nesse procedimento de Nossa Senhora, porque ainda estão sendo chamados por meio de um convite o mais afetuoso possível: “Se você não Me quer, farei com que essa chama se reacenda em outras velas. Embora na sua haja apenas o estado de comburência, não o de combustão, persiste um pavio luminoso e quente, há ocasião, há tempo! Venha meu filho! Venha!...”

Os membros antigos do Grupo que caminhassem nessa direção, ou ao menos aplaudissem, poderiam realizar uma esperança sepultada na alma deles e que não tinham coragem nem de conceber. Acabariam compreendendo ser algo factível, e que caberia a eles receber com humildade e entusiasmo a lição daque-



Dr. Plínio conversando com o Sr. João Clá em 24 de dezembro de 1988

les a quem deviam ensinar. E, recebendo-a, participariam das graças já com vistas ao “Grand-Retour”. Como misericórdia para eles, deveriam estar dispostos a se oferecer como vítimas expiatórias, simplesmente para obter que tal obra continuasse!

O que tudo isso tem de bondade é comovedor. É de fazer chorar as pedras, se elas pudessem chorar. É a luz que apela para eles. Ela não quer deixar de arder nos pavios onde se refugiou – seria um absurdo! –, mas quer reacender aqueles de onde foi expulsa. Que coisa bonita!

Um galardão a ser reconhecido

Donde minha modesta missão de conservar os pavios que Nossa Senhora ama e procurar, de todas maneiras, reacender-lhes as nostalgias santas, as confianças inabaláveis; segurar aqui, lá e acolá, fazer voltar à carga e insistir, estimulando-os o quanto possível, até os incríveis da

paciência, da bondade, da condescendência.

Alguém dirá: “Mas o paralelo está forçado! Reduzir-nos a pavios em comparação com os rapazes...” Não estou comparando pessoas, mas situações; o objeto principal de minha atenção é a chama, não os indivíduos.

“Chama” é um modo de referir-me à graça de Deus, em relação à qual somos pavios. É preciso não esquecer até onde Nossa Senhora levou a misericórdia d’Ela, a ponto de acender as novas velas com o intuito de reacender todos os pavios em estado de comburência, mas reconhecer este galardão: Ela quis que o canal disto de tal maneira fosse o veio aberto pelo João que, enquanto não houver uma conexão com esse veio, os pavios não acendem. ❖

- 1) Do francês: perpetuidade.
- 2) Do francês: vermezinho e miserável pecador.

CONCLUSÃO

Lendo e meditando em vários episódios da História, considerando este ou aquele aspecto da Igreja Católica ou da Civilização Cristã no passado, especialmente na Idade Média, eu tinha sempre a sensação viva de que eles reapareceriam, e sentia uma vibração de alma especial, como se dissesse de mim para comigo: “Este traço, aquele, aquele outro convirão à organização que um dia nascerá de meu apostolado ou, por outra, essa organização os enfeixará e nela se consubstanciará a Contra-Revolução”.

Uma nova constelação

Era o modo de um cavaleiro brandir a espada numa iluminura, o reflexo de uma luz num vitral, um toque de órgão ou um badalar de sino especialmente belo, uma melodia do cantochão, a maneira de andar de um monge beneditino, o olhar de algum santo jesuíta das grandes épocas, até o olhar firme, sério, resoluto, castíssimo e batalhador de um São Pio X. Tudo isso eu sentia corresponder a um modelo ideal que dormia no fundo da minha alma.

Eu tinha a esperança de que essas estrelas que reluzem no firmamento de beleza, de santidade e de retidão que é a Santa Igreja de Deus, formassem algum dia uma constelação nova na qual novas estrelas nascessem, isto é, novas formas de san-

tidade, de combatividade e de perspicácia se constituíssem para, com as riquezas antigas, formarem essa nova constelação que cantasse ainda melhor os nomes gloriosos de Jesus, de Maria e da Santa Igreja Católica Apostólica Romana, Esposa Mística de Cristo.

Esperança profética que enuncia a chegada da aurora

Mas os tempos foram passando, os anos se sucedendo, os decênios se somando aos decênios, e eu me perguntava: “Quando virá o dia em que essa constelação se expressará e os homens abrirão os olhos para ela? Quando chegará o dia em que os próprios membros da minha bem-amada TFP perceberam o que ela é e cantem nela a glória da Igreja, de Nossa Senhora, de Nosso Senhor Jesus Cristo, da Santíssima Trindade?”

Eu sonhava com a TFP angelizada, “marianizada”, à altura desse esplendor altíssimo. Não era um devaneio vão, uma miragem tonta e inútil que se vê no deserto, mas uma esperança profética, a réstia de luz que se discerne no fundo das trevas e nos enuncia que a aurora está se aproximando.



Fotos: Arquivo

Entretanto, um dos sofrimentos mais pungentes para quem se consagra ao apostolado é, de um lado, sentir-se chamado para realizar uma obra e, de outro, perceber as ondas contrárias que parecem tornar sem sentido o chamado recebido. Essa coarctação da vocação por obstáculos que parecem opor-se às vias do Espírito Santo é uma das dilacerações mais penosas que uma alma possa sofrer.

Uma vocação única

Nossa Senhora chamou-me desde a mais tenra idade para realizar uma obra que de si, nos dias de hoje – mas, em certo sentido, a partir de quando



arrebentou a Revolução, há quinhentos anos –, é única. Conduzi-la praticamente sozinho, até o momento em que comecei minha caminhada no Movimento Católico, é algo também único.

Não me consta que ninguém desde criança tenha meditado tanto, a respeito de tanta coisa, com tanta responsabilidade e com tantas consequências para o futuro, quanto eu meditei em minha infância e adolescência.

Isto significa que Nossa Senhora preparou tudo para eu fazer este trabalho. Reconheço, com gratidão, o quanto Ela dispôs nesse sentido várias circunstâncias favoráveis como, por exemplo, o haver tido desde o meu primeiro vagido o sorriso de mamãe, e a luz de seus olhos até o último dia dela.

Lembro com emoção o fato de Nossa Senhora ter disposto que eu fosse residir perto de uma igreja tão altamente carregada de graça, quanto a do Sagrado Coração de Jesus; de Ela ter me conduzido até lá num momento crítico e ali ter me dado um como



Dr. Plínio acompanhado do Sr. João Clá, na Igreja Santa Cecília, em 13 de dezembro de 1992

que sorriso, o qual até hoje marca minha vida; de Ela me ter feito apreender, nas últimas eras pré-conciliares, a mentalidade, o espírito e a dialética inicianas a ponto de torná-los o segundo hábito da minha mente; de Ela me haver incitado a fundar a TFP, a nossa Ordem de Cavalaria. Enfim, de ter Ela me concedido tantos outros favores, até a “graça de Genazzano”.

Analisando isso, devo reconhecer terem sido dons que Ela me concedeu porque quis, por iniciativa e misericórdia d’Ela. O que teria feito eu em idade tão tenra, para merecer ser batizado na Santa Igreja Católica, ter a Fé Católica e uma tal torrente de inocência? Como antes de nascer podemos merecer algo?

Entretanto, Nossa Senhora teve a intenção de beneficiar desta forma um varão que reconhecesse não ser merecedor e ter praticado ações nas quais desmereceu, e que dia e noite pedisse perdão a Ela por ter feito isto ou aquilo um pouco abaixo da grandeza dos bens recebidos, sabendo o quanto é verdadeira a oração que está na liturgia: “Ó Deus, que coroando nossos méritos, premiais os vossos próprios dons”.¹ Como isto é real! Os atos bons que eu possa ter praticado, os fiz por dom da Santíssima Virgem, uma graça d’Ela que me chamou para tal.

Por que o silêncio?

Até cumprir quinze anos, várias vezes me vinha a seguinte ideia: “Mas afinal, quem sou eu?” Os horizontes para os quais me sentia chamado eram mais elevados que os do comum das pessoas com as quais eu tratava. Percebendo esta diferença e vendo que os outros não se interessavam por temas mais altos, eu me perguntava: “Afinal, quem sou eu? Que papel me cabe? Tenho algo a fazer?”

Quantas e quantas vezes, andando pela neblina de São Paulo antigamente, eu me questionava: “Ninguém nota o que está em meu espírito? Não percebem o que desejo fazer? Não dizem



Plínio na praia do José Menino em Santos, por volta do ano de 1922

algo para isso? Se eu conhecesse um menino assim, eu me daria conta; por que eles não percebem?”

Na minha inocência, não compreendia que, de fato, eles percebiam, mas congelavam...

Depois foi se desenvolvendo a sequência dos fatos, começaram as lutas, a formação do Grupo, e assim que ele se constituiu, nasceu a contestação contra mim, logo no início. De onde a ideia de que eu deveria afastar essas cogitações. Porque se aqueles que naturalmente seriam chamados a ver o que havia em mim de mais elevado, não viam e até me contestavam, que direitos tinha eu de perceber isto? E eu me perguntava: “Será que ninguém percebe?” E a resposta era: “Percebem!”

Ora, como há pessoas que veem e não comentam o que há de *pulchrum* nisso? Deixam os fatos se sucederem e se acumularem! Entretanto, se eu mesmo conhecesse alguém que fizesse esta obra – abstração feita des-

se alguém –, pensando na cumulação das causas, eu diria:

“Que magníficos lances Nossa Senhora fez a propósito desse homem! Não pensemos nele, pensemos n’Ela, que realiza tantas coisas por meio de um instrumento que valerá mais, ou valerá menos, mas que vale tão incomparável e insondavelmente menos do que Ela! ‘Solarmente’ superior a qualquer comparação é Ela e, afinal de contas, quem fica é Ela. Mas esta obra está feita até aqui. O homem pode ser discutido; a obra, em termos de Fé, não o pode ser”.

E, ao longo dos anos, eu me perguntava atônito: “Por que o silêncio?” Acabei me habituando a ele e considerando-o meu amigo, meu conviva de todas as horas, de todos os minutos de minha vida. Encaixando-me, também eu, num silêncio interior. Sem a menor recriminação ou amargura; paternal, afetuosamente, mas notando-o, porque saltava aos olhos. Ora, à anomalia que esse silêncio representava, não me habituei.

A verdade é que, enquanto o homem não diz o que pensa, acaba não

tendo pensado nada inteiramente, pois seu pensamento se completa no momento em que ele encontra a palavra e o enuncia; quando ele faz isso, ele fala!

O perfeito louvor, pelos lábios dos mais pequeninos

Portanto, o louvor perfeito, ou seja, aquele que desfecha na palavra, o ato humano inteiro que desabrocha na afirmação, esse faltava! Ele veio dos mais novos... Lembro-me de uma expressão curiosa da Escritura, a qual diz: “Dos lábios dos mais jovens, Tu fizeste sair um louvor perfeito” (cf. Sl 8,3). É o louvor perfeito que fecha o circuito e dá à dedicação e à consagração essa explicitude, essa realidade.

“Louvor perfeito” para esta obra que é o começo do que ela deve ser e a respeito da qual cabe um *Te Deum*, seguido da invocação d’Aquele para cuja glorificação debandadamente, desabridamente, inteiramente, com todas as suas veras, a minha alma se volta: Nossa Senhora!

Eu entendo que meus caríssimos “enjorras” não teriam chegado a esse ponto se não tivessem quem os levasse. Sei disso, e bem conheço quem os leva, e quem se utiliza dos lábios deles!

Naturalmente a pessoa do meu queridíssimo, meu caríssimo, meu insaciável, meu inesgotável, meu admirável, em suma, meu filho João Clá, emerge com o brilho e a eficácia, com a generosidade sistemática e a amizade filial borbulhante, com o infatigável zelo, a indestrutível amabilidade e a força de persuasão que lhe são clássicos. João, cujo nome eu menciono com um afeto todo especial, e para quem minha alma se volta saudosamente! A esse filho, o filho modelaríssimo, o filho da fidelidade, meu carinho, minha bênção.² ❖

- 1) Cf. *Missal Romano*. Prefácio dos Santos I. “Na assembleia dos Santos, Vós sois glorificado, e, coroando os seus méritos, exaltais os vossos próprios dons”.
- 2) Para a elaboração do presente número foram compilados excertos de conferências realizadas entre 1964 e 1995.



Apresentação do Oratório de Natal de Händel, Igreja Nossa Senhora da Consolação, em dezembro de 1990

Dr. Plínio acompanhado do Sr. João Clá, durante uma visita ao túmulo de Dona Lucília, em 21 de abril de 1990

Tudo será pago no Céu

*M*eu queridíssimo João,
Junto à Santíssima Virgem, Mãe de todas as misericórdias e de todas as maravilhas, peço antes de tudo por você, por seu bem espiritual e por sua saúde, bem como pelo êxito de tudo quanto você realiza para a glória d'Elá. Seja Ela a nossa Mãe e Protetora ao longo dessa caminhada que você está empreendendo.

Tudo isso lhe será pago por Nossa Senhora no Céu. De minha parte, não há título de pagamento suficiente, mas, a título de afeto, envio-lhe milhões de agradecimentos, pedindo que Nossa Senhora lhe dê cada vez mais santificação e plena florada nas vias que conduzem a Ela.

(Extraído de correspondência de 15/3/1993)